

**INFORMAÇÃO DE CONSULTA**

Este é um capítulo da obra

2001, **Teixeira, José A** **VERBALIZAÇÃO DO ESPAÇO: Modelos mentais de *frente/trás***, Centro de Estudos Humanísticos da Universidade do Minho (Colecção Poliedro), Braga, (ISBN 972-98621-4-1).

Na sua totalidade, a referida obra é constituída, aqui, pelas seguintes partes:

- A Verbalização do Espaço -Cap. I: Para uma fundamentação da Semântica Cognitiva
- A Verbalização do Espaço -Cap. II: O homem e o(s) seu(s) espaço(s)
- A Verbalização do Espaço -Cap. III: Localização e orientação intrínseca
- A Verbalização do Espaço -Cap. IV: Modelos mentais dos marcadores *frente/trás*
- A Verbalização do Espaço -Cap. V: *Frente/trás* e outros marcadores
- A Verbalização do Espaço -Cap. VI: Organização morfo-semântica de *frente/trás*
- A Verbalização do Espaço -Cap. VII: O espaço do Tempo: *frente/trás* e a temporalidade
- A Verbalização do Espaço -Cap. VIII: Conclusões e Bibliografia

## ÍNDICE

- 6. **ORGANIZAÇÃO MORFO-SEMÂNTICA DO EIXO DA FRONTALIDADE (MARCADORES *FRENTE/TRÁS*)**
- 6.1. Classificação morfológica e grafia.
- 6.2. A origem dos marcadores espaciais
- 6.3. *Atrás*: organização morfo-semântica
- 6.3.1. A necessidade da existência do Cfg
- 6.3.2. A equivalência semântico-pragmática entre o advérbio (*atrás*) e a locução prepositiva (*atrás de*)
- 6.3.3. O Configurante nos modelos linguístico-cognitivos das expressões estereotipadas com *atrás*
- 6.3.4. Advérbios e locuções prepositivas do vector *atrás*: conclusões
- 6.3.5. O núcleo do vector [-frontal]: *trás* ou *atrás*?
- 6.3.5.1. Os processos lexicográficos
- 6.3.5.2. O núcleo original (*trás*)
- 6.3.5.3. A estruturação global
- 6.4. *Frente*: organização morfo-semântica
- 6.4.1. A tradição lexicográfica
- 6.4.2. A base nominal dos marcadores derivados de *frente*
- 6.4.3. Os marcadores derivados de *frente* e o princípio de desnominalização.

## 6. **ORGANIZAÇÃO MORFO-SEMÂNTICA DO EIXO DA FRONTALIDADE** **(marcadores *frente/trás*)**

### 6.1. **Classificação morfológica e grafia.**

Uma das críticas fundamentadas que a Gramática Generativa começou por fazer ao Distribucionalismo (e que se pode estender à análise gramatical greco-latina que ainda perdura) foi a de que uma verdadeira ciência não pode ser apenas taxonómica, satisfazendo-se com apresentar classificações para as unidades que encontra.

Ora a tradição gramatical europeia foi, em boa parte, também taxonómica. E porque sempre se baseou nos textos escritos, tendeu, e tende, a identificar cada unidade a classificar com o conjunto de monemas que a norma ortográfica junta. Simplificando: aquilo que se escreve junto é uma palavra; cada palavra é uma unidade a classificar.

Só que há um problema: a "premissa" de que se parte ("o que se escreve junto") é bastante aleatória. Que critérios linguísticos presidem e enformam as normas ortográficas? Muitas vezes, estes critérios resultam de convenções impostas politicamente, onde se utilizam processos tão (in)fundamentados como o que se julga ser a tradição ou os chamados critérios etimológicos. No final, o resultado é sempre discutível, como o último (des)Acordo Ortográfico da língua portuguesa é um exemplo vivo.

### 6.2. **A origem dos marcadores espaciais**

Ora se a tradição gramatical e lexicográfica se constrói em unidades tão precariamente constituídas, é muito natural que nas análises que tenta encontrar problemas que, muitas vezes, se transformam em autênticas entropias para a classificação do sistema morfológico.

Como não podia deixar de ser, a classificação morfológica dos localizadores espaciais apresenta-se confusa, incoerente e nada adequada à função prioritária que tais unidades transportam.

Em primeiro lugar, convém prevenir que procurar identificar os marcadores espaciais com uma classe gramatical é, e será sempre, difícil, na medida em que não há marcadores espaciais feitos de raiz. Todos derivam de elementos lexicais, sobretudo nomes e verbos.

Svorou (1994) analisando muitas línguas de famílias e grupos diferentes descobre sempre o mesmo processo: os marcadores espaciais gramaticalizados (que denomina *spatial grams*) têm uma origem nominal ou verbal:

Based on the data from languages in my sample, as well as several other languages, two kinds of lexical sources of spatial grams were identified: nouns and verbs. Among nominal sources, several classes were identified according to the referent they encode: body part terms, environmental landmark terms, relational object-part terms, and finally, a few abstract spatial nouns. The correspondence of specific nominal sources to specific types of grams gives evidence for three models: the anthropomorphic, the zoomorphic, and the environmental landmark models. These models make universal claims about possible sources of types of spatial grams. (Svorou 1994:204)

A origem verbal verifica-se sobretudo em línguas dos grupos Níger-Congo, sino-tibetanas e altaicas<sup>(1)</sup>. O processo será VERBO>VERBO EM SÉRIE<sup>(2)</sup>>CO-VERBO>MARCADOR ESPACIAL GRAMATICALIZADO (Svorou 1994:111).

A origem nominal segue um processo que pode ser assim esquematizado (adaptado de Svorou 1994:101):

---

(1) "The verb was identified as another lexical source of spatial grams. Although only a few languages give evidence for verbal sources, it constitutes an important source of information. In the relatively few cases I have encountered, similar grams emerge out of similar verbal sources. The majority of the spatial notions expressed by grams which emerge out of verbs, specify directions, path of movement, or end-point of movement. The only locative notion expressed by grams with such evolution are regional and proximal grams. Dynamic verbs encoding movements (actual or imagined) in specific directions evolve into directional grams. Similarly, stative verbs evolve into stative grams of regional and proximal notions. Two alternative routes leading from verbs to spatial grams were identified: via verb-serialization and co-verb stages to gram, and via a participial stage. The alternative routes represent different paths languages follow in the process of grammaticization. The data are not sufficient to lead to conclusive findings, but perhaps these differences also delineate typological dimensions". (Svorou 1994:206-207)

(2) "Serial-verb sentences consist of a subject followed by two or more predicates, where the first nominal is the subject of both predicates" (Svorou 1994:110).

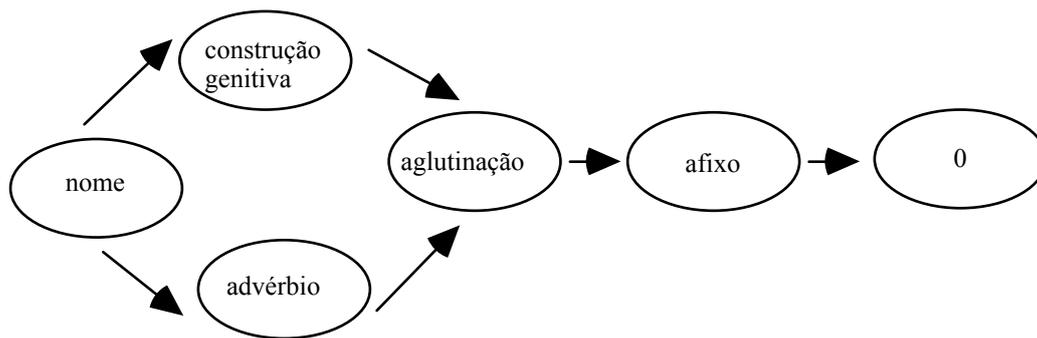


Figura 1

Em algumas línguas encontram-se mesmo os dois processos, o que segundo Svorou comprova que estes mecanismos são partilhados universalmente:

In fact several languages were found in which nominal and verbal models were both present, giving rise to the development of different types of grams. This suggests that the three models make predictions about universally available paths of evolution of spatial grams. Furthermore, the fact that languages may develop spatial grams either from nouns or from verbs suggests that spatial relations may be perceived by human beings either with reference to the physical and functional properties of entities, or with reference to the properties of movements. Grams which encode directional and path notions are predominantly verbal in origin, although there were some exceptions like the Papago "eye" used for DIRECTION TOWARDS, suggesting that the source verbs were 'selected' precisely because they referred to movement and that the directional and path notions are retentions of the original meaning of the verbal ancestors. (Svorou 1994:207)

Os marcadores espaciais do português, e concretamente os da direccionalidade frontal que aqui mais nos interessam, seguiram o mesmo percurso derivativo: nos ligados a *frente* ainda hoje é constatável a parte nominal; nos ligados à vertente oposta, a ligação nominal ou verbal já será mais remota.

A este propósito, é curiosa a etimologia de *atrás* que Frei Domingos Vieira (Vieira 1871, 5 vols.) apresenta:

**ATRAZ**, *adv.* (Do latim *ad retro*, ou *a tergo*; as fôrmas do provençal *arreire*, do catalão *arreira*, e do francez *arriere*, derivam-se de *ad retro*; porém a fôrma portugueza deriva-se de *a tergo*, dando-se a metathese do «r» e mudando-se o «g» em «z» como em *gimbo*, por *zimbo* e *gabello* por *zabello*.)

Frei Domingos Vieira queria mesmo que houvesse alguma "lógica" na origem da palavra. E assim, apresenta-a como provindo do latim *tergum*, *i*, que significava *pele das costas*, *costas*. E o que lhe falta em verdade, sobra-lhe em imaginação, sobretudo nas voltas que dá e na ginástica etimológica que faz à palavra latina para tentar que ela vá desaguar na portuguesa.

Só que também na etimologia, muitas vezes, as origens são mais prosaicas do que se poderia esperar. Mas neste caso o prosaico é bastante significativo, já que a etimologia de *trás* ajuda a mostrar que a oposição com *frente* toma este último termo como referência. Na verdade, *frente* é o eixo positivo, sendo *trás* encontrado por oposição a partir (não cronologicamente, mas nocionalmente) do primeiro. Com efeito a etimologia de *trás* é "apenas" *trans* que em latim significava *para o outro lado, para além de, outro lugar*. Tinha portanto um valor de segundo termo por oposição a um primeiro. E como a *frente* é o termo positivo, *trans* aparece assim como uma espécie de eufemismo para referir a parte "negativa".

No latim, teria *trans* ligação ao verbo *traho* ("arrastar, puxar") e ao verbo *trajicio* ("arremessar para o lado de lá")? As letras *-h-* e *-j-* representam talvez a consoante constrictiva que o *-s-* de *trans* ainda conservava. E reparando-se que *transno* significava "atravessar a nado", reconhece-se em *trans* uma força lexemática ainda muito grande, já que, só por si, a preposição constituía praticamente toda a raiz de vários verbos.

A origem lexemática de *trás*<*trans* pode ter sido, de acordo com o *Oxford Dictionary*, uma hipotética raiz indo-europeia *\*ter* que deixou vestígios no sânscrito (*tiráh*), no avéstico (*taro*) e no galês (*tra*). Esta raiz poderá ter estado ligada ao participio do verbo *\*tro* (significando "movimento"?) como ainda se nota em *intro* (*in*=interioridade+*tro*= movimento), com o sentido de *entrar, aparecer*.

### 6.3. *Atrás*: organização morfo-semântica

#### 6.3.1. A necessidade da existência do Cfg

É essencialmente à volta destas duas unidades (*frente/trás*) que se organizam os principais localizadores espaciais da linearidade frontal nas suas duas vertentes constitutivas. E organizam-se, combinando-se de várias formas com vários outros elementos, também eles marcadores espaciais, e que se costumam designar por *preposições*. A classificação morfológica final do marcador espacial total vai depender da forma e dos elementos como e com os quais *frente/trás* se combinam.

Tradicionalmente, as duas classes básicas onde se encaixam os referidos localizadores são a das preposições ou locuções prepositivas e a dos advérbios. *Atrás* oposto a *atrás de* é um exemplo paradigmático.

Para alguns dicionários, *atrás* é sempre advérbio (Morais, J. P. Machado 1981, Aurélio); outros, por exemplo o da Academia, Caldas Aulete, distinguem *atrás*-advérbio e *atrás de*- locução prepositiva; outros ainda (Vilela 1991) separam *atrás*-

advérbio e *atrás*-preposição, acrescentando depois que *atrás*-preposição aparece como *atrás de* sendo, portanto, uma locução prepositiva.

A grande diferença, portanto, entre as facetas adverbiais e preposicionais de *atrás* está, nesta perspectiva, no facto de **aparecer** com *de* ou sem *de*. E dizemos **aparecer**, porque *atrás* implica sempre *atrás de*, embora, por vezes e por razões perfeitamente compreensíveis (e que se irão evidenciar) não seja necessária a preposição nem o elemento Cfg com que ela relaciona a Fg.

Mas vamos por partes.

Como toda a gente diz e se percebe, qualquer configuração espacial implica necessariamente duas realidades: uma que se quer localizar (a Fg) e outra que serve de referência a essa localização (o Cfg). Uma localização relativamente a nada é um absurdo<sup>(3)</sup>.

A preposição *de*, nas localizações espaciais, é exactamente o indicador do Cfg relativamente ao qual se faz a localização. Só que se num processo de localização a realidade que serve de Cfg se impuser como óbvia, quer para o LOC, quer para o ALOC, então esse Cfg pode não ser expresso no corpo do texto, embora entre **obrigatoriamente** no modelo mental que configura a situação.

Por exemplo, na frase

1) Nesta etapa, o nosso ciclista vai atrás do camisola amarela.

*atrás* relaciona explicitamente a Fg e o Cfg da localização (o camisola amarela). Consequentemente terá que ser *atrás de*. Mas se LOC e ALOC estiverem a falar do mesmo camisola amarela e ele for tomado indubitavelmente como Cfg, então esse mesmo Cfg não precisa de ser explicitado verbalmente, o que implica que a preposição de ligação *de* também não apareça:

- 2a) - Estás a ver o camisola amarela?
- b) - Estou. E o nosso ciclista está perto dele.
- c) - Mas está à frente ou atrás?
- d) - Está atrás, mas pouco.

Ou então

- 3) Estou a ver todo o pelotão e o nosso ciclista vem **atrás**.
- 4) Estou a ver o pelotão e o nosso ciclista vem **atrás dos** outros todos.

É por isso que é fácil demonstrar que *atrás* equivale sempre a *atrás de* e que a divisão feita entre o advérbio e a preposição é cognitivamente infundada. As

---

<sup>(3)</sup> Ver 3.2., *A necessidade de um objecto configurador*.

definições semânticas dos elementos destes dois paradigmas (adverbial e preposicional) como aparecem nos dicionários são perfeitamente idênticas, não havendo nada que nos permita distinguir semanticamente *atrás*-advérbio e *atrás de*-locução prepositiva. Teste-se:

- a) Do lado oposto, para além do que está ou se figura na nossa frente
- b) Do lado oposto ao da cara de uma pessoa ou da frente de uma coisa.

Qual destas equivalências semânticas, do dicionário da Academia, é de *atrás*-advérbio e qual a de *atrás de*-locução prepositiva?

### 6.3.2. A equivalência semântico-pragmática entre o advérbio (*atrás*) e a locução prepositiva (*atrás de*)

Para tentarmos provar o nosso ponto de vista, vamos pegar em todos os exemplos de *atrás*-advérbio (sem *de*) que o Dicionário da Academia apresenta (já que é o que possui a maior exemplificação) e ver se não poderiam aparecer em *atrás de*-locução prepositiva.

É natural que, por vezes, referir o objecto-Cfg faça com que a frase pareça um pouco "anormal", já que o normal é esse objecto-Cfg, porque evidente, não ser referido. Assim, por exemplo, quando o Cfg coincide com o local onde se situa o sujeito verbal ou o sujeito da enunciação, esse Cfg situa-se no ponto de referência relativamente ao qual uma configuração espacial é feita. Compreende-se, assim, que o LOC não tenha que referir explicitamente o seu próprio local/espço ao ALOC, já que este o partilha ou o identifica na situação concreta de comunicação. O mesmo acontece quando o sujeito verbal é situado num local que é óbvio, tornando-se irrelevante indicá-lo:

- 5) Já andámos tanto e ainda não os encontramos. Será que estão atrás? (= atrás deste sítio em que nos encontramos agora).
- 6) Deu dois passos atrás (= atrás de onde inicialmente estava).

À esquerda aparecem os exemplos do Dicionário da Academia. À direita, salvaguardando a redundância das construções resultantes pela indicação de um Cfg que se deduz, surgem os mesmos exemplos modificados com a explicitação, entre parênteses, do objecto-Cfg precedido da preposição *de*:

«Gente mais verdadeira e mais humana / Que toda a doutra terra <i>atrás</i> deixada» (CAMÕES, <i>Lusíadas</i> , II, 74)	«Gente mais verdadeira e mais humana / Que toda a doutra terra <i>atrás</i> (de si) deixada»
«Deixo, Deuses, <i>atrás</i> a fama antiga / Que co'a gente de Rómulo alcançaram» (IDEM, <i>ibid.</i> , I, 26)	«Deixo, Deuses, <i>atrás</i> (de mim/desta situação) a fama antiga / Que co'a gente de Rómulo alcançaram»
«F. deu dois passos <i>atrás</i> ».	«F. deu dois passos <i>atrás</i> (do sítio onde estava)».
«A resolução que tomámos é a única possível; e já não há que <i>voltar atrás</i> » (GARRETT, <i>Frei Luís</i> , p. 129).	«A resolução que tomámos é a única possível; e já não há que <i>voltar atrás</i> (desse momento em que foi tomada)»
«E Guadiana / <i>Atrás</i> tornou as ondas de medroso» (CAMÕES, <i>Lusíadas</i> , IV, 28).	«E Guadiana / <i>Atrás</i> (de onde estavam) tornou as ondas de medroso»
«Ao redor, <i>atrás</i> e adiante iam numerosas turbas» (M. BERNARDES, <i>Floresta</i> , I, p. 133),	«Ao redor, <i>atrás</i> (deles) e adiante iam numerosas turbas»
«a 'Bicha' tropicando adiante [...], a 'Carriça' <i>atrás</i> » (AQUILINO, <i>Via Sinuosa</i> , p. 88),	«a 'Bicha' tropicando adiante [...], a 'Carriça' <i>atrás</i> (dela)»
«O corredor que ia <i>atrás</i> já alcançou os da frente».	«O corredor que ia <i>atrás</i> (de todos) já alcançou os da frente».
«O Artur ficou distinto, e o irmão não quer <i>ficar atrás</i> »	«O Artur ficou distinto, e o irmão não quer <i>ficar atrás</i> (dele/dessa situação de distinção)»
«que não eram acontecidas em toda a Cristandade junta de cem anos <i>atrás</i> tantas e tais maravilhas» (L. DE SOUSA, <i>Hist. de S. Domingos</i> , I, p. 333)	«que não eram acontecidas em toda a Cristandade junta de cem anos <i>atrás</i> (dessa altura/desse tempo) tantas e tais maravilhas»
«de todas as velhacarias [...] só lhe lembrava uma: ter sido juiz o ano <i>atrás</i> » (T. COELHO, <i>Amores</i> , p. 59).	«de todas as velhacarias [...] só lhe lembrava uma: ter sido juiz o ano <i>atrás</i> (dessa altura/desse tempo)»
«No Canto <i>atrás</i> passado (se vos lembra) / No batel vistes já quase alagados / Este bom capitão com quanta gente / Naquela embarcação primeiro vinha» (J. CORTE-REAL, <i>Naufração</i> , p. 138)	«No Canto <i>atrás</i> (deste) passado (se vos lembra) / No batel vistes já quase alagados / Este bom capitão com quanta gente / Naquela embarcação primeiro vinha»
«Como já se disse <i>atrás</i> , o infinitivo pessoal é característico do português».	«Como já se disse <i>atrás</i> (deste sítio que lemos agora), o infinitivo pessoal é característico do português».

### 6.3.3. O Configurante nos modelos linguístico-cognitivos das expressões estereotipadas com *atrás*

Restam as expressões estereotipadas (ou sintagmas fixos), das quais são apresentadas três:

Marcha atrás.

Voltar com a palavra atrás.

Estar de pé atrás.

Como é evidente, nos sintagmas fixos o sentido global não é formado pelo conjunto dos sentidos das palavras componentes, já que essas palavras não funcionam individualmente, mas como um todo<sup>(4)</sup>. Por isso, por vezes, os sintagmas fixos não suportam bem explicitações semânticas de qualquer uma das respectivas unidades. No entanto, é sempre possível tentar compreender o processo linguístico-cognitivo que tornou possível a existência de determinado sintagma fixo e o porquê das lexias que o compõem.

É interessante verificar que estes três sintagmas fixos reenviam para o mesmo modelo da frontalidade. Nos dois primeiros, o nome de origem verbal e o verbo indicam claramente que *marcha atrás* e *voltar com a palavra atrás* se baseiam no modelo do movimento. A oposição *atrás*/*à frente* pode fazer-se relativamente a cada um dos pontos do vector desse movimento. Assim, num ponto considerado,  $L_i$ , *atrás* engloba todos os pontos anteriores do movimento e *à frente* todos os pontos posteriores:

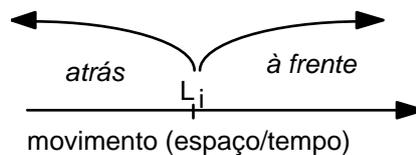


Figura 2

Deste modo, *marcha atrás* é uma marcha que permite ir para um ponto anterior a  $L_i$ , ou seja, **atrás do** local em que se está em determinado momento (mesmo que não tenha havido movimento, em *marcha atrás*  $L_i$  é sempre o sítio em que se está e a direcção do vector do movimento a orientação intrínseca do carro).

<sup>(4)</sup> Não está aqui em questão discutir se nas expressões fixas o significado global resultante é muito ou pouco independente do significado das lexias componentes. Evidentemente que tal "independência" varia de expressão para expressão. Nestas, interessa-nos demonstrar que embora nos sintagmas fixos as unidades componentes possam ter perdido parte da sua autonomia semântica conservam ainda, mais ou menos, os esquemas e modelos mentais que as suportam enquanto unidades fora dos mesmos sintagmas fixos.

Em *voltar com a palavra atrás*, a palavra, ou seja, o discurso linguístico, é identificado com essa linha temporal.  $L_i$  é o momento em que surgiu o acto de fala (a palavra). A partir desse  $L_i$  "a palavra" existe; antes desse  $L_i$  não existia. Tentar invalidar ou anular a palavra implica situar-se num espaço/tempo em que essa palavra não existia, ou seja antes ou **atrás de**  $L_i$ :

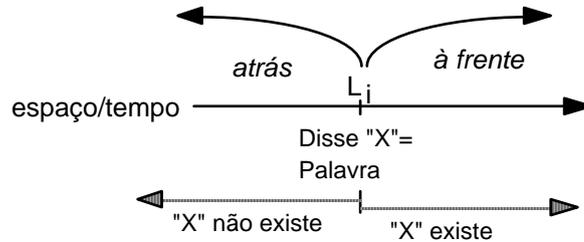


Figura 3

Este processo, bem assim como o esquema da figura 3 que o pretende representar, não implica que "funcione" assim cada vez que um falante utiliza a expressão *voltar com a palavra atrás*. É antes a tentativa de explanar o modelo cognitivo que suporta a referida expressão e mostrar como nela *atrás* também implica *atrás de* um Cfg, sendo, neste caso,  $Cfg=L_i$ . Ou seja: não é o processamento semântico de *voltar com a palavra atrás* que este modelo representa, mas o **percurso cognitivo** dentro da língua que o terá suportado, até porque o nosso propósito era provar que *atrás* implica sempre *atrás de*, já que nesta configuração espacial, expresso ou implícito, terá sempre que haver um Cfg relativamente ao qual a Fg é situada. Agora saber, nesta expressão, o que é que para os mecanismos linguístico-cognitivos do falante ainda permanece do modelo ou já é equivalência "fixa", parece-nos matéria difícil de destringir e que, talvez, varie de falante para falante.

Já vimos que os dois sintagmas fixos anteriores se inseriam no mesmo modelo de frontalidade, o modelo do movimento, facto previsível a partir dos respectivos núcleos semânticos, representados por um nome derivado de um típico verbo de movimento (*marchar*) e por um verbo que não implica apenas um movimento, mas dois (*voltar*)<sup>(5)</sup>. E embora em *estar de pé atrás* tenhamos um verbo estativo, temos também um lexema que entronca semanticamente com o próprio modelo cognitivo do movimento humano: *pé*. Ora é precisamente o movimento humano que através de implicações várias está na base do significado de *estar de pé atrás*.

Todo o movimento se inicia a partir de um ponto ( $L_i$ ). Se o movimento for no sentido positivo da frontalidade (cara-peito-pés), a Fg fica *à frente*; se o movimento for no sentido negativo da frontalidade (nuca-costas) a Fg fica, depois do movimento, *atrás*.

<sup>(5)</sup> Relativamente a *voltar* como implicando duplo movimento, ver Vilela (1989) e Teixeira (1995).

*Estar de pé atrás* remete (no sentido literal que origina todo o modelo) para o início de um movimento em que o primeiro pé a mexer-se não se desloca no sentido positivo do movimento, mas no sentido oposto:

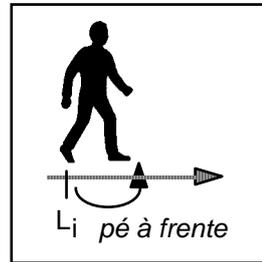


Figura 4

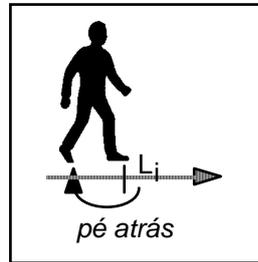


Figura 5

Ora esta posição contrária ao movimento habitual, positivo, precisamente por isso, porque não normal, implica determinados pressupostos psicológicos e determinadas consequências comportamentais que o ser humano, nas centenas de milhares de anos do seu processo evolutivo, aprendeu a associar: quando se enfrenta um perigo, para acautelar a fuga, se o medo prevalecer, o movimento tem de ser no sentido negativo em que se encontra (direcção nuca-costas) e o primeiro movimento é o do pé para trás. Temos assim uma realidade física que aparece **vitalmente** (em sentido próprio) ligada a implicações físicas, a pressupostos psicológicos e a consequências comportamentais que o seguinte esquema procura inter-relacionar:

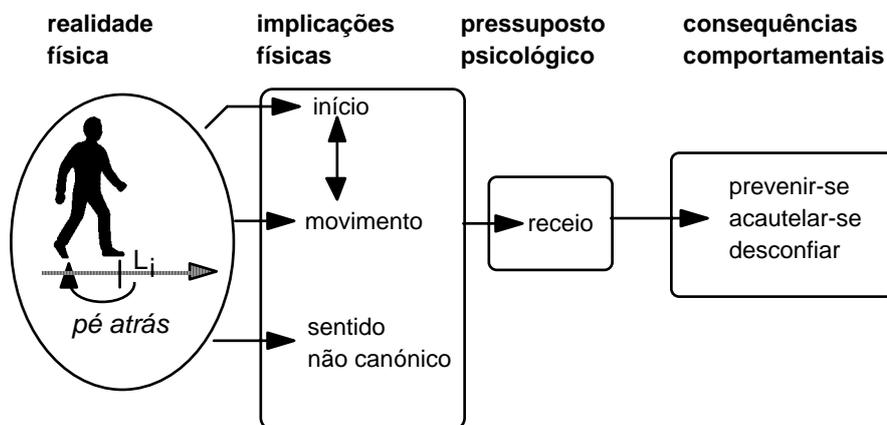


Figura 6

Em situações muito semelhantes, de comportamentos idênticos, originados por pressupostos psicológicos parecidos, causados por instâncias do mesmo género (tomar uma decisão importante, fazer ou não uma actividade, ou seja ir ou não "para a frente" com alguma coisa) é natural que a metaforização se imponha.

Tal como já foi referido, quando o falante utiliza a expressão *estar de pé atrás* não necessita de activar todo o processo como aqui aparece explanado. Todas estas solidariedades valorativas se encontram associadas à expressão de uma forma já

cristalizada, sendo *atrás* o núcleo dessa cristalização, pois é aí que reside o centro aglutinador que suporta os valores da negatividade direccional. O que tentámos foi demonstrar a síntese do processo que deu origem à cristalização hoje fixada na expressão e ver que a palavra-núcleo, *atrás*, foi tomada por um processo de metaforização só possível por *atrás* manter o seu valor de configurador espacial implicando uma Fg (neste caso, *pé*) e **obrigatoriamente** um Cfg (neste caso L<sub>i</sub> relativo à posição inicial do movimento). Ou seja: *atrás* também aqui (na origem de todo o processo) tinha que valer como *atrás de* alguma coisa. Todo o resto do percurso é o normal processo metafórico que, curiosamente, apresenta exemplos verbais gémeos deste. Assim se o *pé atrás* em sentido físico é o princípio de *recuar*, também neste verbo podemos encontrar valores semânticos nocionais idênticos aos valores adquiridos pelo expressão fixa analisada.

#### 6.3.4. Advérbios e locuções prepositivas do vector *atrás*: conclusões

Se alguma dúvida tiver ficado sobre a identidade entre *atrás* classificado como advérbio e *atrás de*-locução prepositiva, comparem-se as entradas *detrás* e *detrás de* no dicionário Morais. Embora apareçam como duas entradas diferentes, classificadas morfologicamente de forma diferente (advérbio/locução prepositiva), os exemplos inseridos em *detrás*-advérbio são quase todos com *detrás de* com a preposição explícita! Quem não acreditar, confirme (destacado mais a negro por nós):

**Detrás**, *adv.* (de *de+trás*). Na parte traseira; na parte posterior **de** coisa ou pessoa que a está vendo. «...e se quiserem trazer ballandraes ou capuzes, tragão sempre com elles escapullairos *detrás*, como de sempre trouxerom ...», *Ordenações Afonsinas*, II, título 104, § 6: «escondeu-se **detrás da** parede»; «Já deixa **detrás das** costas ou mete de baixo dos pés tudo o que costuma entristecer», António Vieira, *Sermões*, VII, 390. || Logo depois de: «veio **detrás de** mim»; «...viram sair de uma camera seis donzelas com tochas nas mãos e **detrás delas** vinham outras duas mui fermosas...», João de Barros, *Crónica do Imperador Clarimundo*, II, cap. 23. || O mesmo que *detrás*: «...usam o cabelo cortado nas fontes ao antigo português e por *detrás* muito comprido e atado no toutiço», Diogo do Couto, *Décadas*, IV, VII, cap. 8; «Por **detrás do** réu... via-se um homem», Teixeira de Vasconcelos, *Duas Facadas*, 131.

**Detrás de**, *loc. prep.* Em lugar posterior ou oposto a: «Adverti que na abundância do Parnaso não se faz conta dos mirões, como em as casas de jogo, das sevandijas, que olham em pé por *detrás das* cadeiras», D. Francisco Manuel de Melo, *Apólogos Dialogais*, 205; «Já se achava a pastora lá presente, |Quando Albano, *detrás de* um verde arbusto...», João Xavier de Matos, *Rimas*, 163, 3<sup>a</sup> ed.; «Dois homens, a cavalo, surgiram *detrás da* barranca», Coelho Neto (cit. de Laud. Freire, em *Dic.*, s. v.).

Repare-se que na definição semântica de *detrás*-advérbio apresentada está explicitamente referido o *de* do Cfg ("na parte posterior **de** coisa ou pessoa"), e dos sete exemplos, só dois é que não têm *detrás de* explícito: "escapullairos *detrás* (das costas)" e "cabelo [...] por *detrás* (da nuca/cabeça) muito comprido".

Como facilmente se reconhece nestes casos de localizadores espaciais a "diferença" entre o advérbio e a locução prepositiva é absolutamente nula, a tal ponto que aquele é preferentemente ilustrado com exemplos desta última. Tudo se reduz à contextualização explícita ou não do Cfg e por arrastamento à preposição *de* que o refere. O verbo *ler* não muda de categoria morfológica por o sujeito aparecer expresso ou não (quando for óbvio): *Eu li o livro* e *Li o livro* não só são consideradas a mesma frase, como o verbo é morfológicamente considerado o mesmo: é apenas uma questão de explicitação do sujeito. O mesmo se passa entre *detrás de/detrás* e casos do género. Por que razão deverão ser estas unidades entendidas como categorias diferentes, com estatutos morfológicos diferentes como tradicionalmente a gramática distingue as preposições e os advérbios?

Aliás, estas duas categorias também não aparecem claramente distinguidas na gramática tradicional.<sup>(6)</sup> Cunha e Cintra têm dificuldade em definir o advérbio. A forma encontrada foi dizer que "o advérbio é, fundamentalmente, um modificador do verbo" (Cunha e Cintra 1984:537).

O "fundamentalmente" revela logo que o advérbio, a ser uma classe, é tão heterogénea que não há definição que a cubra. Mas a verdade é que nem aquela definição tão pouco comprometida serve para todos os advérbios, nomeadamente para os que aqui nos interessam — os que são configuradores espaciais.

Na verdade, estes últimos (e considerando *atrás de*, *detrás de* advérbios) têm por função situar espacialmente uma Fg (que pode ser o sujeito verbal), mas não "modificar" o sentido prototípico, nuclear ou básico (como se queira) do item verbal:

- 7) Ele morreu dentro de casa.
- 8) Ele morreu fora de casa.
- 9) Ele morreu atrás da casa.
- 10) Ele morreu defronte da casa.
- 11) Ele morreu à frente da casa.
- 12) Ele morreu longe de casa.

Não se pode dizer que aqui o verbo sofre alteração no seu significado. O que muda é a localização do sujeito, mas o estado de coisas expresso pelo verbo é rigorosamente idêntico.

---

<sup>(6)</sup> Ver, a este propósito, Vilela, Mário, 1999, *Gramática da Língua Portuguesa* (2ª edição, (pgs.239-249) Almedina, Coimbra.

É certo que isto é totalmente diferente se o advérbio for de modo:

- 13) Ele morreu lentamente.
- 14) Ele morreu repentinamente.
- 15) Ele morreu bem.
- 16) Ele morreu mal.
- 17) Ele morreu conscientemente.
- 18) Ele morreu inconscientemente.

Impõe-se concluir que (muitos) localizadores espaciais só estão integrados no paradigma adverbial porque nele cai tudo aquilo que parece não caber nos outros.

Depois de tudo o que dissemos, incluindo a análise feita às expressões fixas, sobre o facto de *atrás* implicar obrigatoriamente uma relação Fg-Cfg, afigura-se-nos como não pertinente a distinção morfológica feita entre *atrás* e *atrás de* pelas razões que podem ser assim sumariadas:

- 1) *Atrás* implica sempre cognitivamente uma Fg e um Cfg relativamente ao qual aquela se situa.
- 2) Quando o Cfg é óbvio (ainda que intuitivamente) quer para o LOC, quer para o ALOC, pode não ser explicitado textualmente.
- 3) A não explicitação textual do Cfg implica obviamente a não explicitação textual da preposição *de* como partícula indicadora do mesmo Cfg.
- 4) De 1), 2) e 3) conclui-se que a única diferença entre *atrás de* e *atrás* é a indicação explícita e textual, ou não, do Cfg.

### 6.3.5. O núcleo do vector [-frontal]: *trás* ou *atrás*?

#### 6.3.5.1. Os processos lexicográficos

Que cronologicamente *atrás* resulta da junção da preposição *a(d)* com a preposição *trás* não é posto em questão por qualquer gramática de língua ou dicionário. As conclusões e processos que decorrem desse facto (embora nem sempre explicitamente) é que não são idênticos para toda a lexicografia.

A maior parte dos dicionários elege *atrás* como a entrada central do vector, sendo a entrada *trás*, normalmente, pouco desenvolvida e entendida como a forma arcaica do actual *atrás de*.

Assim, no Dicionário Caldas Aulete (Garcia:1986) a entrada *trás* corresponde a cerca de um terço do espaço de *atrás*; no dicionário Aurélio (Ferreira, 2<sup>a</sup>

ed., s/data) apenas a um quarto e no dicionário Lello-Sistema J (s/autor, 1996) a um quinto. Em Moreno (1961) e no Dicionário Porto Editora (8ª ed., 1998) *trás* é quase inexistente, registando-se apenas a respectiva equivalência "atrás, após". Quando *trás* é exemplificado (o que raras vezes acontece) é sempre equivalente a *atrás de*. A respectiva pertença e exemplificação do conjunto das construções *por trás*, *para trás*, *de trás* apenas é feita em Vilela (1991) e no Morais (Silva, 1949-1959). Neste último, para além de referir a junção com *por* e *para*, indica também a possibilidade de combinação com *de* e *a*. No entanto, apenas apresenta exemplos das construções *por trás* e *para trás*:

**Trás<sup>1</sup>**, *prep.* e *adv.* [...]

Precedido das preposições *a*, *de*, *por* ou *para* forma locuções adverbiais, significando também tempo ou lugar posterior, como nos casos em que aparece isolado: «O seu cabelo *por trás*, repuxado para o alto da cabeça ...» Eça de Queirós, *Os Maias*, II, cap. I, 14; «*Para trás*, *para trás*, sempre *para trás*, ia a turba reatransitando os pátios, tropeçando nos servos que matara...», Id., *Últimas Páginas*, 173; «O Sol espreitava *por trás* da cumieira das serras ...», José Augusto Vieira, *Fototipias do Minho*, 57; «A igreja, um largozinho e, logo *por trás* do povoado, o monte severo...», Raul Brandão, *Ilhas Desconhecidas*, 36; «Mas o hortaliçeiro dá *para trás* um salto estrondoso nos seus volumosos tamancos caiados de branco», Ramalho Ortigão, *A Holanda*, cap. 2, 47; «... e a primeira praça de Portugal perdida, voltaram *para trás* à pressa», Rebelo da Silva, *História de Portugal*, II, cap. 5, 390; «... o ichacorvos espantou os olhos, deu dois passos *para trás*, persignou-se atrapalhadamente e caiu por fim de joelhos», Arnaldo Gama, *Última Dona de S. Nicolau*, cap. 19, 381; «... com os pés no tronco, cabeça raspada e mãos amarradas *para trás* ... », Aloísio de Azevedo, *O Mulato*, cap. 3, 52; «...quando os dias com o sol *por trás* da bambinela da bruma, leve e vaporosa cassa», Aquilino Ribeiro, *Por Obra e Graça*, 34; «...surgem *por trás* dos planos, as agulhas, os topos, as montanhas», Augusto Casimiro, *Portugal Crioulo*, 69.

Esta exemplificação não apresenta, como se vê, qualquer construção com *de+trás*, ficando nós sem saber se Morais considera *detrás* e *de trás* duas estruturas independentes e se as duas ou apenas uma devem pertencer à entrada *trás*. Por outro lado, e dentro da mesma problemática, por que razão indica a possibilidade de construção *a+trás* sabendo-se que a forma final só pode ser a aglutinada *atrás*? Considera *atrás*, tal como *detrás*, entradas morfologicamente equivalentes a *de trás* (que não exemplifica) e a *por trás* e *para trás*? Se assim fosse, não se compreenderia que na entrada *detrás* não apresente referência nem exemplificação de *de trás*.

A conclusão a tirar é que embora Morais "sinta" e diga que a ligação entre *trás* e as preposições *a*, *de*, *por*, *para* resulta em locuções prepositivas linguisticamente equivalentes, ele só considera "palavras" aquelas que a tradição ortográfica escreve

aglutinadas. E como o Frei Tomás do provérbio, faz coisas diferentes das que diz: *de trás* não aparece inserido nem em *trás*, nem em *detrás*; *atrás*, *detrás* são palavras independentes de *trás*, mas *por trás*, *para trás* (e *de trás*?) já não o são.

Em Machado (1981) transparece a mesma confusão gráfico-linguística:

**Trás**<sup>1</sup>, *prep.* e *adv.* Após; depois de; em seguida; atrás de. || Precedido das preposições *a*, *de*, *por* ou *para*, forma locuções adverbiais, significando também tempo ou lugar posterior, como nos casos em que aparece isolado: *atrás* de nós virá quem nos louvará (provérbio). || *S. m. pl.* As partes do lado de trás; as traseiras de uma casa; os fundos de um edifício.

Repare-se que na definição lexicográfica há uma equivalência entre todos os constructos de *trás*. O exemplo apresentado até é com *atrás* (com aglutinação, naturalmente, mas que pela sua própria definição deveria ser considerado "locução adverbial"). No entanto, o dicionário possui entradas independentes apenas para *detrás* e *atrás*. E esta forma aparece com uma entrada independente (classificada como advérbio) depois de já ter sido incluída (sendo a única exemplificada, como se viu) na entrada *trás*<sup>(7)</sup>.

A aceitação da escrita como critério primordial para o estatuto de entrada lexical independente leva a opções morfológicamente incompreensíveis, como, por exemplo, a de incluir *trás!*-interjeição onomatopeica na mesma entrada de *trás*-preposição! E não é apenas um dicionário que o faz. Pelo menos, aparece assim no dicionário Lello-Sistema J (s/autor, 1996), no dicionário de Augusto Moreno (1961), no da Porto Editora (7ª ed.) e no *Grande Dicionário da Língua Portuguesa* de Cândido de Figueiredo (25ª ed., 1996).

Conclui-se, do que se foi vendo, que os critérios para considerarem como palavra ou locução os vários localizadores derivados de *trás* não são uniformes nem coerentemente aplicados lexicograficamente, sendo, simplesmente, a norma seguida, a ortográfica. Este aspecto reflecte-se posteriormente na classificação morfológica atribuída a cada um dos marcadores, o que leva, inevitavelmente, a uns serem considerados "independentes" e outros não.

#### 6.3.5.2. O núcleo original (*trás*)

A forma primeira, *trás*, possuía originalmente a totalidade semântica do marcador espacial: relacionava uma Fg e um Cfg sem qualquer outro elemento

---

(7) Não deixa de ser também estranho considerar *trás* como um substantivo no plural, embora não apresente exemplos. Será por analogia com *as frentes*? O estatuto morfológico das duas unidades é, no entanto, bastante diferente!

localizador ou espacializante. As construções dentro do latim tardio e o uso arcaico no português, ilustram-no:

Em 960: «...uendimus uobis mediatatem de pomare que aueo *tras* rium comodo est in omniem giro...», *Dipl.*, doc. n° 79. p. 49. (Machado:1977, entrada "Trás")

«que tinha o juízo e sentido ocupado em suas boas venturas, sucedidas uma **traz** outra, e pedia a Nosso Senhor, que com alguma pequena desventura se purgassem.» Francisco de Moraes, **Palmeirim d'Inglaterra**, cap. 122. [...] «**Tras** este messageiro, que el Rei de Bintam mandou a Siaca, despachou doze lancharas pera irem em busca de George botelho» Damião de Goes, **Chronica de D. Manoel**, part. 3, cap. 89.[...] «Porque Laqueximena sahio logo **tras** elles com vinte lancharas bem equipadas» **Ibidem**, part. 4, cap. 75. (Vieira 1871: entrada "Traz/Trás")

«...fazendo esgares, correndo pelo terreiro, saltando um *trás* outro», Duarte Barbosa, *O Livro*, 155, ed. de 1946; «... foi (Salomão) por lúxuria e amores de gentias *trás* os deuses dos Sidónios...», Samuel Usque, *Tribulações*, I, 27; «...Trás os cristãos se lança furiosa | Que já perto da boca vão da cava», Francisco de Andrade, *Primeiro Cerco de Dio*, XVII, 77. (Silva 1949-1959: entrada "Trás")

A estrutura morfo-semântica seria (como o quadro seguinte sistematiza) constituída por

**Fg+tras+Cfg:**

<b>Figura</b>	<b>TRAS</b>	<b>Configurante</b>
pomare	tras	rium
uma	traz	outra
doze lancharas	tras	este messageiro
Laqueximera	tras	eles
um	trás	outro
Salomão	trás	os deuses
ela	trás	os cristãos

O domínio que *trás* ia exercendo no vector [-frontal] tornava o seu sentido pouco preciso: *trás*, relativamente a uma mesma Fg, indicaria, assim, tanto localização estativa, como localização-origem, localização-meta ou localização-percurso. Daí que a língua tenha sentido necessidade de reequilibrar o sistema antepondo a *trás* outras preposições que marcavam os vários tipos de localização não-frontal: *a+trás*, *de+trás*, *para+trás*, *por+trás*. O Cf passa a ser precedido da preposição *de* que o marca como ponto de referência<sup>(8)</sup>. A estrutura morfo-semântica passa a ser agora

<sup>(8)</sup> No dicionário de Cândido de Figueiredo (1996) é referida a existência da construção *trás de* em Gil Vicente: "Trás de uma pulga andarà três dias".

**Fg+Prep+trás+de+Cfg:**

<b>Figura</b>	<b>Prep</b>	<b>trás</b>	<b>de</b>	<b>Configurante</b>
O João está	a-	trás	de	a parede
O João está	de-	trás	de	a parede
O João está	de	trás	de	a parede
O João está	para	trás	de	a parede
O João está	por	trás	de	a parede

**6.3.5.3. A estruturação global**

Há, portanto, razões diacrônicas relativas à estruturação semântica e morfológica que indicam ser muito mais adequado entender o estatuto de um marcador espacial tendo em conta a rede de relações em que ele se insere, e não apenas a forma aglutinada ou não como se escreve.

Tal rede, quanto a nós, parte de um núcleo aglutinador, que é, ainda hoje, *trás*. Este sim, é a verdadeira forma nuclear a partir da qual outros marcadores sincronicamente derivam, nomeadamente, *atrás*, *detrás*, *de trás*, *por trás*, *por detrás* e *para trás*. O seguinte esquema pretende passar para o plano visual o plano morfológico inter-relacional:

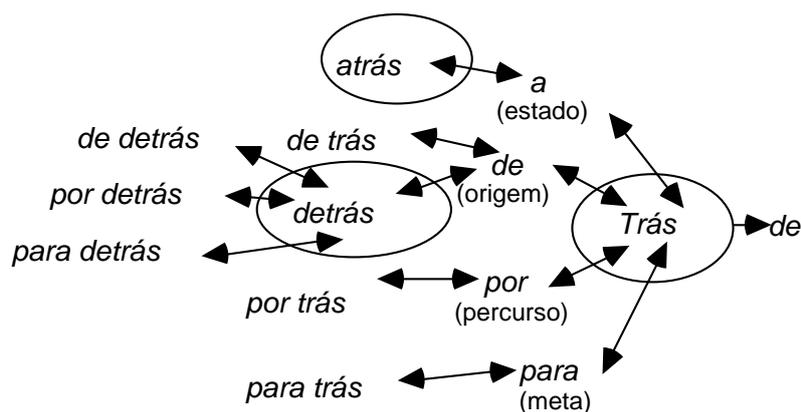


Figura 7

Há razões cognitivas que explicam o porquê de *atrás* ser considerado a palavra nuclear destes configuradores espaciais: é o localizador típico, neste vector, para situações estativas. Representa, assim, os estados de coisas neutros relativamente ao movimento, ou seja, o "antes" do movimento. E assim, quando *trás* deixa de poder

ser utilizado sem preposição anteposta, é *atrás* que faz, a maior parte das vezes, a equivalência:  $Fg+trás+Cfg \Rightarrow Fg+atrás (de)+Cfg$ .

Um outro núcleo aglutinador forma-se posteriormente a partir de *detrás*. Esta preposição trouxe a *trás* a vertente [origem] que pode implicar [movimento] (*andar de trás para a frente*), mas também, noutra valoração, o aspecto apenas relacional (não implicando [movimento]) que o mesmo *de* possui (*a porta de trás*). Desta forma, na vertente que não implica [movimento] mas apenas "relação", *detrás* torna-se equivalente a *trás* e a *atrás*, facto que embora ainda hoje se verifique, pode ser mais abundantemente documentado no português de há dois ou três séculos.

Comprove-se o que foi dito com os seguintes usos:

«*se quiserem trazer ballandraaes, ou capuzes, tragaõ sempre com elles escapullairos detras, como de sempre trouxerom:*» **Ordenações Affonsinas, Liv.II** Tit. 104, § 6.— «*entrando nella viraõ sahir de huma camera seis donzellas com tochas nas mãos, e detrás dellas vinhaõ outras duas mui fermosas*» Barros, **Clarimundo, Liv.II**, cap. 23.— «*usam o cabello cortado nas fontes ao antigo Portuguez, e por detrás muito comprido, e atado no toutiço.*» Diogo do Couto, **Decadas, IV, Liv. VII**, cap. 8.— «*Á meya noyte levantou-se o Mouro da cama, e foy-se á torre, e em começando de bradar, foy o mercador por detras, e tomando-o pelas pernas deu com elle da torre abayxo, o qual Mouro logo rebentou, e apoz elle lançou o presunto, e o vinho, e o melhor que pode se sahio sem ser de alguém sentido.*» Fr. Pantaleão d'Aveiro, **Itinerario da Terra Santa**, cap. 43.— «*Adverti, que na abundancia do Parnaso não se faz conta dos miroens, como em as casas de jogo, das sevandijas, que olhão em pé por detraz das cadeyras.*» Francisco Manoel de Mello, **Apologos Dialogaes**, p. 205.— «*Porque se virdes hum quatro com tres figuras atrás si valerá quatro mil reis, e se elle detrás de todas essas figuras valerá quatro reis.*» Idem, **Ibidem**, p. 27.— «*E porque neste tempo ouviraõ huma voz, que por detraz da fonte vinha cantando, suspenderaõ a pratica, por verem cuja era, e ouvirem a cantiga*» FRANC. R. LOBO, **PRIMAVERAS**, p. 303.— «*Vamo-nos por detraz deste vallado,/ Hiremos encontrallas ao caminho.*» IDEM, **ECLOGAS**, p.372.— «*Já se achava a Pastora lá presente,/ Quando Albano, detrás de hum verde arbusto...*» J. X. DE MATTOS, **RIMAS**, P. 163 (3.a ed.). — «*Outra vez parto/C'os mais fieis dos meus, fui imboscar-me/Detraz d'esse escarpado, negro monte*» GARRETT, **D. BRANCA**, c.v, cap. 19. (citações em Vieira:1871, entrada "DETRÁS ou DETRAZ")

A utilização de *detrás* é hoje bastante mais rara. Os dicionários ou não registam esta forma por não a considerarem fundamental (Vilela:1991) ou registando-a, referem apenas a equivalência que tem com *atrás*. Veja-se que, nos exemplos citados, há uma equivalência constante *detrás =atrás* e *por detrás =por trás*.

No português actual, *detrás* possui um uso prototípico que implica [ocultação]<sup>(9)</sup>. É curioso verificar que (como se pode comprovar pela tabela imediatamente a seguir apresentada) nos exemplos dados em Frei Domingos Vieira (1871) este traço nem sempre estava presente:

Ex.	Forma	<i>detrás</i> =	[ocultação]
1º	<i>detrás</i>	<i>atrás</i>	[-]
2º	<i>detrás</i>	<i>atrás</i>	[-]
3º	<i>por detrás</i>	<i>por trás</i>	[-]
4º	<i>por detrás</i>	<i>por trás</i>	[+]
5º	<i>por detrás</i>	<i>por trás</i>	[+]
6º	<i>detrás</i>	<i>atrás</i>	[-]
7º	<i>por detrás</i>	<i>por trás</i>	[+]
8º	<i>por detrás</i>	<i>por trás</i>	[-]
9º	<i>detrás</i>	<i>atrás</i>	[+]
10º	<i>detrás</i>	<i>atrás</i>	[+]

No entanto, no dicionário Morais, que reflecte o português mais actual, os exemplos escolhidos (para *atrás* e *atrás de*) são preferentemente os que envolvem [+ocultação]. Aliás, é esta vertente que ainda justifica *detrás* como núcleo das construções *por detrás*, *para detrás*, *de detrás*, que, embora preteridas (sobretudo as últimas duas) em relação a *por trás*, *para trás* e *detrás* podem aparecer quando o estado de coisas envolve prioritariamente [+ocultação]:

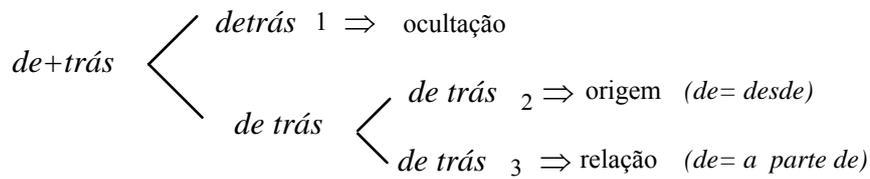
- 19) O rato escondeu-se por detrás do móvel.
- 20) O rato fugiu para detrás do móvel.
- 21) O assaltante saiu de detrás dos arbustos.

Este submodelo (podemos chamar-lhe assim) que envolve prototipicamente [+ocultação] é traduzido pela grafia aglutinada *detrás*, sendo *de trás*, por sua vez, representante, não apenas de um, mas de dois outros submodelos. Num, *de* traduz a vertente [origem] que é um dos elementos estruturantes à volta do qual se constrói o próprio submodelo, equivalendo a *desde*. Noutro, *de* representa apenas um elemento relacionante, equivalendo a *a parte de*. As frases seguintes inscrevem-se, respectivamente, nestes dois submodelos:

- 22) Ele não parava de andar **de trás** para a frente. (= desde (a)**trás** até à frente)
- 23) A porta **de trás** está aberta. (=da **parte de** trás)

<sup>(9)</sup> Não confundir o traço [+ocultação] com [-visibilidade]. Este é um traço dominante na maior parte das ocorrências do vector não-frontal, mas não possui agencialidade, enquanto aquele sim. Por outras palavras, [+ocultação] implica uma acção consciente do género "X esconde-se de Y", enquanto [-visibilidade] não: X pode ser não visível para Y sem que qualquer dos dois tenha propositadamente feito algo para que isso aconteça.

Temos, assim, para *de+trás* três submodelos



que poderiam ser assim esquematizados:

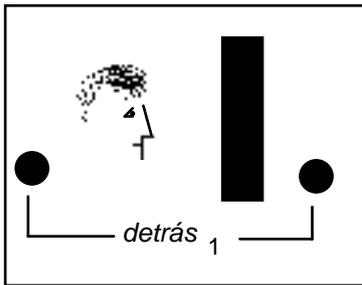


Figura 8

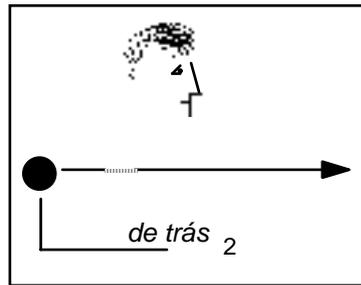


Figura 9

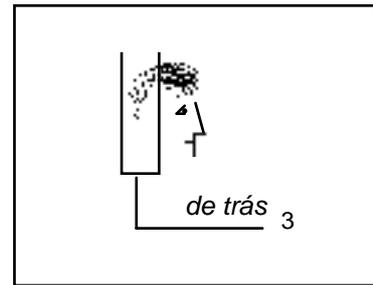


Figura 10

Note-se que em *detrás*<sub>1</sub>, o *de* não possui nenhum valor específico que modifique o modelo central do vector [-frontal]. Por isso, enquanto nos outros dois modelos o *de* não pode ser substituído por preposições diferentes (a não ser em *detrás*<sub>2</sub> pelo equivalente *desde*) em *detrás*<sub>1</sub> já pode:

- 24) O rato escondeu-se detrás do móvel.
- 25) O rato escondeu-se atrás do móvel.
- 26) O rato escondeu-se por trás do móvel.
- 27) O rato escondeu-se por detrás do móvel.

Isto indica que o mesmo modelo mental pode ser linguisticamente expresso por localizadores diferentes (*detrás*, *atrás*, *por trás*, *por detrás*) e o mesmo localizador (*de trás*) pode equivaler a modelos diferentes. O que leva a que não haja implicação necessária entre autonomia gráfica e modelização configurativa. Sendo assim, o esquema das várias realizações morfológicas do vector não-frontal que anteriormente apresentámos não deve ser entendido como a explanação de determinado número de modelos, mas antes como o conjunto das realizações morfológicas que traduzem tal vector. Diferentes formas morfológicas podem espelhar um mesmo modelo ou submodelo e uma mesma forma pode suportar mais do que uma estrutura espacial localizadora.

É neste sentido que defendemos que o núcleo semântico e morfológico deste vector é expresso por *trás*, ao qual se juntam essencialmente as preposições *a*, *de*, *por*, *para*, que orientam tal núcleo para, respectivamente, as vertentes estativa, de

movimento, de origem, de percurso e de meta. No entanto, as várias formas daqui resultantes não são estanques: uma forma derivada pode cristalizar o sentido da forma original e passar ela a ser um novo núcleo morfológico mantendo o modelo original. Foi o que aconteceu quando *detrás* cristalizou o sentido de *trás* ficando seu equivalente. Por isso, a preposição *por* pôde juntar-se quer a *trás*, quer a *detrás* e obter duas formas morfológicamente diferentes que podem expressar o mesmo modelo mental:

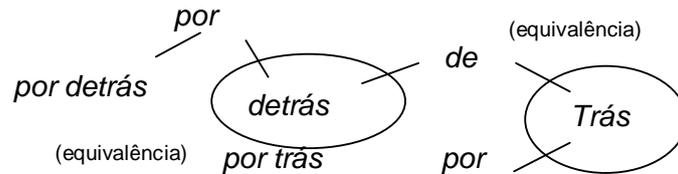


Figura 11

Os dicionários não espelham a organização inter-relacional dos modelos (ou submodelos) semântico-cognitivos que este vector espacial (*trás*) comporta. Apresentam-nos as formas gráficas que a tradição considera "palavras". Daí a dificuldade que têm, por vezes, em diferenciar semântica e lexicograficamente formas gráficas diferentes. Vejam-se as seguintes definições semânticas que o dicionário Morais apresenta para algumas formas deste vector:

- a) Tempo ou lugar posterior.
- b) Em lugar posterior ou oposto a.
- c) Após; depois de; em seguida; atrás de.
- d) Do lado oposto ao da frente; À retaguarda.
- e) Na parte traseira; na parte posterior de coisa ou pessoa que a está vendo.

Quem, nestas "definições" consegue descobrir qual a que corresponde a *trás* ou a *para/por trás*, *atrás*, *detrás* e *de trás de*? Qualquer uma se pode aplicar a qualquer forma.

Que estatuto morfológico e semântico se deve, então, atribuir não só a *trás*, como igualmente aos localizadores que englobam aquela forma?

Por tudo aquilo que dissemos, parece-nos forçoso colocar como centro nuclear, gerador de todas as formas o elemento *trás*. E como se deve entender este elemento? Uma palavra independente? Uma preposição ou advérbio?

No português actual, parece-nos que a forma *trás* não pode ser entendida como uma preposição: nunca pode aparecer sozinha junto a um verbo, não tem a mesma distribuição das preposições e insere-se **sempre** entre duas preposições. A sua distribuição é sempre  $\text{Prep}^1 + \text{trás} + \text{Prep}^2$ , sendo  $\text{Prep}^1 = a, de (desde), por, para$  e  $\text{Prep}^2 = de$ .

Por esta mesma razão, e como já longamente explanámos (6.3.2.), *trás* nunca pode ser um advérbio, nem fazer parte de uma locução adverbial: como se encontra sempre entre duas preposições (podendo a segunda, na ausência do Cfg ser implícita) faz sempre parte de uma locução prepositiva.

Se não pode ser preposição ou advérbio, então como deve ser considerada a forma *trás*?

A classificação morfológica europeia de tradição gramatical greco-latina não possui nenhum paradigma onde caibam unidades como esta. À falta de melhor, poderíamos chamar-lhe "núcleo de lexicalizadores espaciais" ou qualquer outra nomenclatura que referisse que é uma unidade correspondente a um modelo mental de localização espacial, unidade a partir da qual e através de várias preposições são construídas as formas dos configuradores espaciais de determinado vector. Isto implica que lexicologicamente a unidade *trás* não deve ser contraposta (como aparece na tradição lexicográfica) a *detrás* e *atrás*, mas que quer estas duas últimas, quer outras preposicionalmente construídas deverão ser consideradas constructos feitos a partir da unidade (que nem é lexema, nem preposição, nem advérbio) *trás*.

Uma prova auxiliar, que podemos referir aqui, que parece corroborar a nível cognitivo as relações morfológicas que atribuímos a *trás* é fornecida por certos erros ortográficos.

Num dos inquéritos feitos a alunos do primeiro ano dos cursos de ensino (línguas) pedia-se que o aluno escrevesse se determinado objecto estava atrás ou à frente de um outro. E embora na própria folha do inquérito estivesse *atrás* correctamente escrito, para além de alguns casos duvidosos, em 10 inquéritos (que representavam 6,5% do total) aparece grafado *a trás*. E o curioso é que, a maior parte das vezes, na mesma folha, aparece, escrito pelo mesmo aluno, com certeza com poucos segundos de diferença, *atrás* e *a trás*.

Para se visualizar melhor a dualidade *atrás*/ *a trás* colocámos juntas as grafias que o mesmo aluno, na mesma folha, escreveu (grafia dos próprios alunos):

<u>a trás</u> <u>a trás</u>	<u>abás</u> <u>abás</u>	<u>a trás</u> <u>abás</u>
<u>a trás</u> <u>a trás</u>	<u>abás</u> <u>abás</u>	<u>atrás</u> <u>atrás</u>
<u>a trás</u>	<u>atrás</u> <u>abás</u>	<u>atrás</u> <u>abás</u>

Figura 12: Aluno A

Aluno B

Aluno C

Figura 13: Aluno D

Aluno E

Aluno F

Aluno G

Figura 14: Aluno H

Aluno I

Aluno J

Se nos contentássemos com a clássica resposta "O aluno enganou-se porque é burro!" ficaríamos com o problema resolvido —ou melhor, sem problema. Mas como cada fuga a uma norma é simultaneamente obediência a uma outra norma, será interessante descobrir qual é a outra "norma anormal". O que acontece é que embora, muitas vezes, o falante/escrevente conscientemente saiba que *atrás* se escreve aglutinado, inconscientemente, no fundo, não vê razões para que assim seja, já que cognitivamente estruturou *atrás* tal como *para trás*, *de trás*, *por trás* como constructos (semântico-cognitivos) com uma base *trás*. Ou seja: a organização de todo o vector tem uma forma nuclear, sendo todas as outras formas construídas a partir dela. Sendo assim, tal como nas outras formas, a preposição terá grafia não aglutinada. Só que o erro foi o ter-se esquecido que aqui a norma ortográfica não traduz a "norma", melhor, o **modelo** linguístico-cognitivo.

Repare-se como determinados pormenores indiciam como nestes falantes a norma gráfica foi "atraçoada" pelo modelo morfo-semântico que o falante mentalmente construiu e utiliza e que coloca *trás* no centro da configuração, sendo todas as outras formas dela derivadas.

Em primeiro lugar, é sintomático que em todos os casos, excepto num, apareça na escrita do mesmo aluno simultaneamente *atrás* e *a trás*. Isto prova, desde logo, que não foi por desconhecimento da norma gráfica que *a trás* foi assim grafado. Além disso, não se esqueça, no enunciado do inquérito estava escrita a palavra *atrás*.

Outros indícios mostram a luta entre a norma gráfica e o modelo mental. Assim, no aluno A, é interessante verificar que nas cinco formas que utiliza a separação entre o *a* e o *trás* vai-se tornando cada vez maior, como que a mostrar que quanto mais o modelo mental se impunha, mais a forma gráfica o procurava retratar. Nos alunos H e J, *atrás* aparece sempre aglutinado, excepto quando os dois alunos quiseram substituir *à frente* por *atrás*. Assim, nos dois casos, substituíram apenas *frente* por *trás*, ficando o *à* (mesmo com acento) separado, naturalmente, de *trás*. Este facto, prova

indubitavelmente que os falantes reconheceram equivalência morfo-semântica entre *trás* e *frente*, tendo sido levados a esquecerem-se que tal equivalência não é traduzida pela norma ortográfica. No aluno F deve ter-se passado um processo mais complexo. Os primeiros localizadores que escreveu foram *perante* e duas formas *atrás*. Depois, ao emendar *perante*, escreveu por cima *a atrás*, nitidamente separado. Imediatamente por baixo, viu o antigo *atrás* que já tinha escrito. Mas como mentalmente separava *a* de *trás* (como acabara de fazer, o que indica que era o modelo cognitivo e não a norma ortográfica que dominava naquele momento as suas estruturas mentais), o que ele realmente "viu" e interpretou<sup>(10)</sup> foi apenas a palavra *trás* (na medida em que na estrutura cognitiva *trás* é independente das preposições com que ocorre). E como lhe pareceu apenas ver *trás*, antepôs-lhe a preposição *a*, separada, que, na realidade, já antes tinha aglutinado, ficando a forma final *a atrás* (a frase toda ficou *O cão corre a atrás da bola*).

Num outro inquérito, de duas respostas com *detrás* (na frase *O rato escondeu-se do gato detrás do móvel*) uma aparece grafada *detrás*, mas outra *de trás*. (Neste caso, a palavra *detrás* não aparecia no questionário fornecido). Mais uma vez, o deslize para a forma não aglutinada com *trás* revela simultaneamente a força do modelo organizador e como é esta unidade, *trás*, que constitui o núcleo gerador das outras formas.

Para além de *frente*, que a seguir analisaremos, outros localizadores espaciais se estruturam de modo semelhante, confirmando a relação morfológica e semântico-cognitiva que atribuímos a *trás*. Por exemplo, *cima*, é um deles. E embora não faça directamente parte do núcleo deste trabalho, é interessante reparar na sua organização morfo-semântica que é estruturalmente idêntica à de *trás*.

Para quase todos os dicionários, *cima* é classificado, pasme-se, como um substantivo ou nome feminino! Assim aparece no dicionário Moraes, no da Lello, no Aurélio, no Caldas Aulete, Cândido de Figueiredo, Augusto Moreno e Porto Editora (8ª ed.). À excepção do Caldas Aulete, que apresenta um exemplo de Herculano (*Uma brisa suave do norte varrendo as cimas dos pomares*), nenhum outro exemplifica possíveis usos do substantivo(?) *cima*.

A unanimidade é quebrada apenas em dois casos (de que temos conhecimento): no *Dicionário Etimológico da Língua Portuguesa*, José Pedro Machado (1977) classifica *cima* como um advérbio e no dicionário de Mário Vilela que classifica *cima*, logo no início da entrada, como locução, dando à frente a explicação:

---

(10) Já aconteceu connosco, nas aulas de Português para estrangeiros, em que uma aluna espanhola, médica, lia em vez da palavra DESCER a palavra DESCENDER. E mesmo depois de lhe ser pedido várias vezes para ler a palavra, ela várias vezes, perante toda a turma, lia (porque "via") DESCENDER. Só quando lhe dissemos para soletrar letra por letra, ela conseguiu ver a palavra que lá estava. Naturalmente que isto comprova factos de todos conhecidos: as nossas estruturas cognitivas, na leitura, não interpretam letra a letra, mas apenas descodificam a mancha gráfica constituída pela palavra total.

*Cima* utiliza-se como elemento de locuções adverbiais (*em cima*, *de cima*) ou prepositivas (*em cima de*, *por cima de*), ou ainda em fraseologias (*ainda por cima*). (Vilela 1991: entrada "cima")

Podemos verificar que *cima* tem a mesma organização morfo-semântica que *trás*:

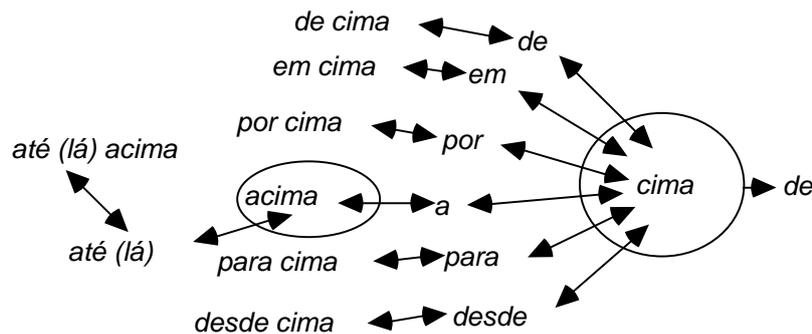


Figura 15

Há igualmente um núcleo para todo o modelo, núcleo esse que não tem existência sintagmática autónoma, aparecendo sempre no contexto  $Prep^1+cima+Prep^2$ , sendo  $Prep^1=\{de, a, para, por, até, desde\}$  e  $Prep^2=\{de\}$ . E do mesmo modo que em *trás*, as ditas locuções adverbiais são as locuções prepositivas sem o Cf explícito: *em cima* implica sempre *em cima de X*, *de cima* implica sempre *de cima de X* e assim sucessivamente. Tal como *atrás* relativamente a *trás*, *acima* já começou a cristalizar o significado de *cima* podendo-se-lhe juntar *até (lá)*.

Esta coincidência organizativa parece, pois, provar não apenas a validade da organização morfo-semântica que aqui propusemos para *trás*, mas igualmente a necessidade de se repensarem lexicológica e lexicograficamente os constructos destes (e de outros equivalentes) marcadores espaciais.

#### 6.4. **Frente: organização morfo-semântica**

Embora sejam muitas as semelhanças que *frente* possui com *trás* a nível de organização morfológica, existem, no entanto, diferenças resultantes, sobretudo, do facto de os núcleos implicarem relações linguísticas e cognitivas diferenciadas.

Na realidade, se em *trás* já não se encontram quaisquer traços lexicomáticos nominais ou verbais (e mesmo recuando ao latim, seja difícil encontrá-los) em (*a*)

*frente* podemos ver sincrónica e perfeitamente a actuação de um núcleo nominal como centro atractor da vertente [+frontal]: o nome *a frente*.

Não é por acaso que todos os dicionários vistos, sem excepção, classificam a entrada *frente* como um substantivo feminino. As divergências apenas aparecem quando se trata de classificar as locuções compostas a partir de *frente*. Porque estas locuções são fundamentais para a estruturação morfo-semântica dos marcadores espaciais do vector [+frontal], antes de apresentarmos a nossa proposta, vamos tentar compreender a forma com a tradição lexicográfica as entende e as relaciona com *frente*.

#### 6.4.1. A tradição lexicográfica

Bastantes dicionários, como o Moraes (Silva, 1949-1959) e o Aurélio (Ferreira, s/data, 2ª ed.) não classificam morfologicamente *à frente/ à frente de, em frente/ em frente de, etc.* Outros, como o *Novo Dicionário da Língua Portuguesa* (s/autor, 1996, Lello-Sistema J) apenas indicam as locuções adverbiais (*à frente, em frente*) não referindo quaisquer outras. Outros ainda, como o Caldas Aulete (Garcia, 1986) ou o Dicionário do Português Básico (Vilela, 1991) distinguem, por exemplo, *à/em frente* relativamente a *à/em frente de*. As primeiras formas são denominadas locuções adverbiais e as últimas locuções prepositivas.

Obviamente que, tal como para *atrás*, defendemos que, também nos constructos de *frente*, não há qualquer distinção real entre locuções adverbiais e prepositivas. *Em frente* é sempre *em frente de X* (X=Cfg), *à frente* corresponde sempre *à frente de X* (X=Cfg) e assim sucessivamente.

Tal como nos outros casos, as mesmas entradas dicionarizadas que fazem a distinção fornecem os melhores argumentos contra a própria distinção.

Assim, no Caldas Aulete (Garcia, 1986) na própria definição e exemplificação de *à frente* é dito que *à frente* é sempre *à frente de*:

*À frente* (loc. adv.), na dianteira, na vanguarda; em frente **de**, defronte. || *Estar* ou *ir à frente de alguém ou de alguma coisa* (fig.), dirigi-la, ser o comandante, o diretor, o gerente: Veio D. Pedro Sarmiento, adiantado de Galiza, *à frente de* um grosso exército. (Per. da Cunha.) (negrão nosso)

No Moraes (1949-1959: entrada *frente*, negrão nosso), parte da exemplificação de *à frente* e *em frente* é feita com *à frente de* e *em frente de*:

*À frente*, à cabeça; na dianteira: «Havia constantes revistas e exercícios; e os toques dos pífanos, o rufar dos tambores *à frente* dos piquetes ... tornavam sedutor o aspecto das ruas», Oliveira Martins, *História de Portugal*, II, 5, 3, 64 [...] || *Em frente*, diante, perante, defronte:

[...] «No atrevimento das alcavalas nocturnas era português digno de emparceirar-se a Paio Peres Correia *em frente da* mourisma», Camilo, *Luta de Gigantes*, Introdução, 33; «acocorados *em frente de* fogareiros primitivos ...», Adriano de Sá, *Pela Índia*, 76.

A mais rica e ilustrativa é, no entanto, a entrada do Dicionário do Português Básico (Vilela, 1991). Reza assim:

**frente** [fr'ët@] n. f.

(1) *O automobilista esbarrou-se contra uma árvore e desfez a frente do carro.* • (2) *A frente do edifício tem uma linha arquitectónica muito bonita!* • (3) *Neste terreno podemos construir uma casa com duas ou três frentes.* • (4) *A frente do móvel é muito trabalhada! Daí o seu preço!* → (loc. adv.) **à frente**: (5) *O camisola amarela é o que vem à frente.* • (6) — *Não te esqueças de colocar os mais pequenos à frente!* → (loc. adv.) **à frente de**: (7) *Os campeões ficam à frente de toda a gente!* • (8)— *Estaciona o teu carro à frente do meu!* → (loc. adv.) **de frente**: (9) *Ela olhou-o bem de frente, e disse-lhe tudo o que pensava dele!* → (loc. adv.) **em frente**: (10) *A Isabel abeirou-se da praia e olhou o mar, em frente, até ao infinito.* • (11) — *O sr. guarda podia dizer-me, por favor, onde ficam os correios? — Em frente, precisamente!* → (loc. adv.) **em frente de**: (12) *A manifestação concentrou-se em frente da Assembleia da República.* • (13) *Em frente do estádio, havia uma multidão a aguardar a abertura das bilheteiras.*

**G.1.** O nome *frente* ocorre frequentemente com preposições, formando locuções adverbiais: *à frente* (frases 5,6), *de frente* (frase 9), e *em frente* (frases 10, 11) e locuções prepositivas: *à frente de* (frases 7,8) e *em frente de* (frases 12,13).

**G. 2.** *Frente* é um nome contável, excepto quando faz parte duma locução adverbial ou duma locução prepositiva.

**S.** A *frente* é a PARTE ANTERIOR DE QUALQUER COISA, e tem como sins.: DIANTEIRA (frase 1), FACHADA (frase 2), FRONTARIA (frases 3,4), e como contr.: TRASEIRA. → O contr. de *à frente* (frases 5,6) é ATRÁS. → O contr. de *à frente de* (frases 7,8) é ATRÁS DE. → *De frente* (frase 9) tem por contr.: DE TRÁS e opõe-se a DE LADO. → O contr. de *em frente* (frases 10,11) é ATRÁS. → O contr. de *em frente de* (frases 12,13) é ATRÁS DE.

Como se vê, a oposição "locução adverbial"/ "locução prepositiva" é a estrutura morfológica básica da entrada, facto que se reflecte não apenas na sinonímia, mas até na antonímia que obedece ao mesmo esquema opositivo ("O contr. de *em frente* (frases 10,11) é ATRÁS. → O contr. de *em frente de* (frases 12,13) é ATRÁS DE."). Pese embora o facto de ter havido uma curiosa(?) gralha tipográfica que classifica quer *à frente/em frente*, quer *à frente de/em frente de*, como locuções adverbiais. Reconhece-se, no entanto, que a classificação pretendida é a que imediatamente a seguir, na secção **G(ramática).1.** explicita:

O nome *frente* ocorre frequentemente com preposições, formando locuções adverbiais: *à frente* (frases 5,6), *de frente* (frase 9), e *em frente* (frases 10, 11) e locuções prepositivas: *à frente de* (frases 7,8) e *em frente de* (frases 12,13).

No entanto, basta pegarmos na primeira frase exemplificativa da locução adverbial *à frente* ((5) *O camisola amarela é o que vem à frente.*) e compará-la com a primeira que exemplifica a locução prepositiva *à frente de* ((7) *Os campeões ficam à frente de toda a gente.*) para verificarmos, mais uma vez, como tal distinção não tem base real, sendo apenas uma questão de explicitação ou não do elemento Cfg. Aliás, as duas frases são tão equivalentes (até na estrutura semântica) que se pode facilmente trocar para cada uma *à frente* por *à frente de*:

28) O camisola amarela é o que vem **à frente de** toda a gente/de todos os outros.

29) Os campeões ficam **à frente!**

Mas se alguma dúvida restasse, o mesmo dicionário, na definição de *frente*, não quer que nenhuma permaneça sobre a necessidade de um Cfg, ao acentuar (com maiúsculas) que "A *frente* é a PARTE ANTERIOR DE QUALQUER COISA".

#### 6.4.2. A base nominal dos marcadores derivados de *frente*

Se há, assim, distinções morfológicas que não correspondem a diferenciações reais, também há, neste configurador espacial, reais diferenças que passam habitualmente despercebidas.

Como já referimos, toda a lexicografia do português classifica *frente* como um nome/substantivo feminino, partindo do pressuposto que todos os constructos com *frente* são dele, substantivo feminino, derivados. No entanto, em rigor, nem todos são construídos a partir de *a frente*, mas também da unidade *frente* que não admite artigo. Enquanto há preposições que se combinam sempre com *a frente* (*a, para, ante, após, até a, desde, por*) outras admitem também a combinatória com *frente* (sem artigo): *na frente/em frente, da frente/de frente*.

Até que ponto é sempre o "mesmo" substantivo *frente* que está presente nos vários configuradores espaciais dele derivados? E se é sempre o mesmo substantivo, por que razão às vezes entra com o artigo e outras vezes sem ele?

Para se compreender a globalidade do funcionamento de marcadores espaciais que partilham uma composicionalidade idêntica aos derivados de *frente*, atente-se nos seguintes exemplos que, morfológica, sintáctica e semanticamente, apresentam características semelhantes:

Substantivo-origem	Forma gráfica
<i>a frente</i>	<i>de frente</i>
<i>a fronte</i>	<i>defronte</i>
<i>as costas</i>	<i>de costas</i>
<i>o pé</i>	<i>de pé</i>
<i>os joelhos</i>	<i>de joelhos</i>
<i>as gatas</i>	<i>de gatas</i>
<i>as cócoras</i>	<i>de cócoras</i>

Será que, depois de entrarem no marcador que refere a espacialidade de uma posição, os primitivos substantivos ainda valem como tal? Concretamente, nestas formas, os substantivos não podem ter artigo (ao contrário de *na frente*, *da frente*), não podem flexionar, nem possuem o mesmo significado que o substantivo-origem. A palavra *pé* em *de pé* não significa o mesmo que a palavra *pé* que designa determinada parte singular do corpo humano. Aliás, na posição *de pé* não é a posição dos pés que é determinante: uma pessoa pode passar da posição de *de pé* à *de sentado* (e vice-versa) sem sequer mexer os pés! Por isso, em *de pé* a palavra *pé* não traduz o modelo mental que engloba um membro inferior do corpo humano, mas uma determinada posicionalidade. Do mesmo modo, todas as outras não expressam prioritariamente o significado do substantivo-origem, mas traduzem sempre um modo, uma forma de se situar no espaço.

Neste aspecto, a semelhança com *de cima* é evidente. Também *cima* provém de um substantivo. Originário do grego, *κῦμα, ατος*, significava "onda, vaga, tempestade marítima". É a vertente "aquilo que se eleva" que mais é utilizada no latim popular *cyma* (ou *cuma*) e que se aplica às coisas que se elevam à superfície, as extremidades, as partes mais altas. No entanto, hoje, no português sincrónico, só por uma supervalorização da diacronia etimológica e uma completa desvalorização da funcionalidade morfo-semântica se poderá considerar a forma *cima* como um substantivo: não possui artigo, não pode ser utilizada isoladamente sem preposição, não flexiona, nem possui um significado lexemático com qualquer semelhança estrutural com o dos substantivos. No entanto, como já se viu, para a esmagadora maioria dos dicionários, *cima* ainda é classificada como um substantivo.

O que aconteceu a *cima* e que hoje podemos observar retrospectivamente, foi um processo que vai acontecendo em muitas formas e construções linguísticas, nomeadamente, entre outras, as que há pouco indicámos: *de frente*, *defronte*, *de costas*, *de pé*, *de joelhos*, *de gatas*, *de cócoras*. Destas, é em *defronte* que podemos observar uma maior desnominização. Embora se aceite que tenha sido um substantivo, reconhece-se que, actualmente, nesta forma, *fronte*, enquanto elemento inserido na

globalidade morfo-semântica *defronte*, já não funciona como nome. O aspecto gráfico aglutinado e a classificação morfológica tradicional de *advérbio* a ela atribuída denotam isso mesmo.

Mas, pode (e deve) questionar-se: se em *defronte* é reconhecida a desnominização, por que é que nas outras construções isso não acontece, continuando os dicionários a classificar o núcleo como nome ou substantivo?

A nosso ver, isso deve-se à diferente frequência de utilização dos substantivos-origem das referidas construções. Porque muito frequentes como substantivos plenos, mantêm, dentro do sistema, a sua independência morfológica e semântica, mesmo que determinados usos entrem em construções fixas ou sintagmas fixos onde não possuam a totalidade do seu original valor lexicático. Se, como aconteceu com *fronte*, a utilização nominal for pouco sistemática, a forma tende a cristalizar, desnominizando-se.

É precisamente este processo que se passa com todo o sistema morfo-semântico derivado de *frente*. Coexistem formas originárias de *a frente*, unidade que, como demonstra a presença do artigo, detém um alto grau de nominalização, com construções formadas a partir de *frente* (sem artigo), unidade que se encontra já inserida num processo de deslexicalização nominal. O seguinte esquema pretende representar as relações entre *a frente/frente* e respectivos constructos:

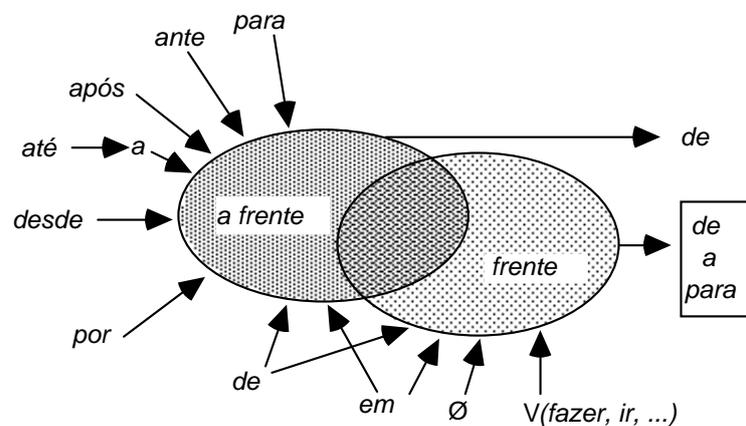


Figura 16

*A frente* constrói os localizadores derivados sempre com a preposição *de* indicando o Cfg. É esta a preposição típica da ligação ao Cfg em todos os eixos espaciais:

- 30) X (=Fg) está por cima **de** Y (=Cfg).
- 31) X (=Fg) está por baixo **de** Y (=Cfg).
- 32) X (=Fg) está ao lado **de** Y (=Cfg).
- 33) X (=Fg) está atrás **de** Y (=Cfg).

34) X (=Fg) está à frente **de** Y (=Cfg).

35) X (=Fg) está dentro **de** Y (=Cfg).

36) X (=Fg) está fora **de** Y (=Cfg).

No entanto, *øfrente* (=frente sem artigo) não só admite, como prefere outras preposições pospostas

37) X (=Fg) foi/está frente **a** Y (=Cfg).

38) X (=Fg) está em frente **a** Y (=Cfg).

39) X (=Fg) faz frente **a** Y (=Cfg).

40) X (=Fg) está de frente **para** Y (=Cfg).

Se o Cfg, como vimos, é, em todos os eixos da espacialidade, introduzido por *de*, significará isto que *øfrente* se estrutura num modelo mental que elimina o Cfg?

Se atentarmos melhor em construções como

41) X foi frente a Y,

42) X faz frente a Y,

43) X foi de frente para Y,

parece que {Y}, mais do que Cfg, é o Alvo ou a Meta de {X}. Muito diferente de

44) X foi à frente de Y,

45) X está à frente de Y,

onde se vê, nitidamente, o papel de Cfg que {Y} desempenha.

No entanto, o facto de {Y} desempenhar o papel temático de Alvo ou Meta não implica que não possa ser simultaneamente o Cfg, como de facto acontece. O que se passa é que a configuração é feita de forma diferente do habitual. Não é uma **configuração passiva** em que se estabelece uma mera relação locativa entre a Fg e o objecto relativamente ao qual ela é espacializada, mas uma **configuração activa**, onde para além da situação da Fg relativamente ao Cfg se estabelece uma **relação intencional** entre os dois, nomeadamente daquela (Fg) para este (Cfg). Comparem-se, a este propósito e como ilustração, estes exemplos exemplares:

46) Ele saiu da frente do professor.

47) Ele saiu de frente para o professor.

48) Ele correu à frente dos ladrões.

49) Ele correu frente aos ladrões.

50) Ele correu de frente para os ladrões.

Mas se em *frente a*, *de frente para*, *fazer/ir frente a* existe visivelmente uma preposição posposta que indicia o Cfg, que dizer de *em frente* nas construções onde não aparece tal preposição?:

51) Para chegares lá, vai sempre **em frente**.

52) **Em frente**, não desanimes!

Se se tentar acrescentar a este marcador, em frases como estas, qualquer das preposições *a*, *de*, *para* que renunciem um Cfg, os resultados da tarefa revelam-se sempre insatisfatórios. Parece, portanto, não ser possível assinalar, neste tipo de construções com *em frente*, qualquer Cfg contraposto à Fg.

E isto é verdade. Melhor, é meia verdade. Não há um Cfg **para além** da Fg porque é **na própria** Fg que reside o Cfg. Mais exactamente, é a direcionalidade do movimento ou posição da Fg que serve de "elemento em relação ao qual a direcionalidade de *em frente* é perspectivada ou configurada", ou seja, de elemento que serve de Cfg. Por isso, a forma morfológica *em frente#* (sem preposição *de*) corresponde ao modelo semântico-cognitivo "em frente relativamente ao movimento ou posição da Fg".

Quando há um movimento contextualmente conhecido, *em frente* é perspectivado em relação à direcionalidade desse mesmo movimento: representa um lugar que se situa no prolongamento da mesma direcção, sendo a orientação frontal dos interlocutores neutralizada. Assim, se (figura 17)

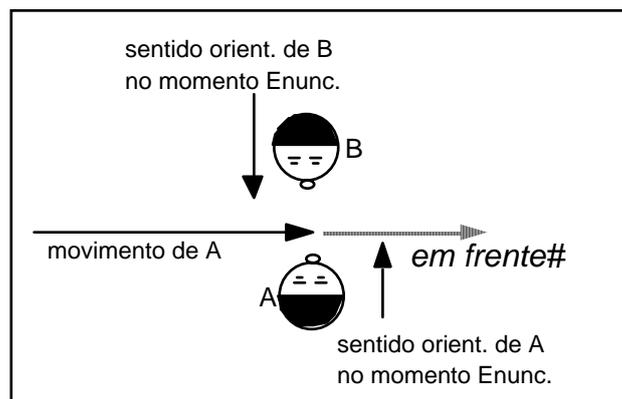


Figura 17

- {B} está parado na berma da estrada;
- {B} vê o movimento de {A};
- {A} pergunta a {B} onde é o lugar L;
- {B} responde *em frente*;

- {A} interpreta como ficando L no prolongamento da direcção em que se insere, independentemente da orientação posicional quer de {A}, quer de {B} no momento do discurso. (O que normalmente acontecerá será {A} e {B} no momento do discurso estarem parados, voltados um para o outro, o que implica dois sentidos opostos, inseridos numa mesma direcção posicional perpendicular —e portanto oposta— à do movimento de {A})

Quando não há um movimento contextualmente conhecido, tem que haver um sentido direccional seleccionado. Assim, (figura 18)

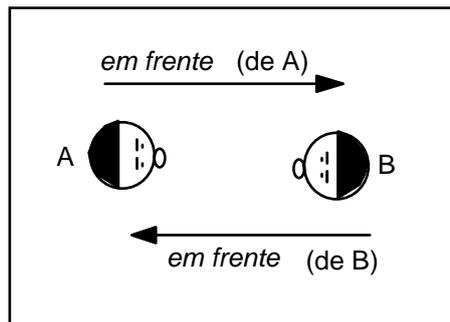


Figura 18

- {A} pergunta a {B} onde é o lugar L (desconhecendo-se ou não sendo considerado o movimento de {A} e de {B} até chegarem ao encontro);
- {B} responde *em frente*;
- {A} pode interpretar *em frente* quer relativamente ao sentido direccional de {A}, quer ao de {B}.

A prova, é que {B} pode dizer *em frente* apontando a direcção do seu olhar, ou, dizendo também *em frente*, apontar para as suas costas. Neste caso é *em frente* relativamente ao olhar de {A}.

Como deste modo se comprova, *em frente*Ø (=sem Cfg explícito) possui cognitiva e semanticamente sempre um Cfg relativamente ao qual um lugar L é localizado. No entanto, como o Configurante (que pode ser a direccionalidade do movimento da Fg ou uma [frontalidade] seleccionada) é sempre indicado contextualmente, não necessita de o ser morfologicamente. Por tal motivo, *em frente*Ø não possui preposição de indicação de Cfg.

Em suma: o facto de *em frente*Ø não possuir explicitamente Cfg e respectiva preposição de ligação expressos, não tem por causa a ausência do mesmo Cfg, mas antes o inverso, uma presença muito mais activa que terá sempre que ser contextualmente explícita para os interlocutores. Confirma-se, assim, que *øfrente* (sem artigo), por oposição a *a frente*, implica uma maior modelização implícita: não indica

apenas a substantividade real do objecto que serve de Cfg (*a frente* de qualquer coisa), mas antes uma maior abstracção que é expressa já sem o artigo indicador da nominalização.  $\emptyset$ *Frente* torna-se, assim, um elemento suporte de configurações mais **activas** e **intencionais**, como há pouco indicámos. E daí a relação implicativa entre Cfg e os papéis Alvo ou Meta. E é por tudo isto mesmo que os localizadores de  $\emptyset$ *frente* exigem [encaramento] enquanto os de *a frente* não:



Figura 19



Figura 20

- |                                    |                                    |
|------------------------------------|------------------------------------|
| 53) {B} está na frente de {A}.     | 54) {B} está na frente de {A}.     |
| 55) {B} está à frente de {A}.      | 56) {B} está à frente de {A}.      |
| 57) ?{B} está em frente de {A}.    | 58) {B} está em frente de {A}.     |
| 59) ?{B} está em frente a {A}.     | 60) {B} está em frente a {A}.      |
| 61) *{B} está frente a {A}.        | 62) {B} está frente a {A}.         |
| 63) {B} saiu da frente de {A}.     | 64) {B} saiu da frente de {A}.     |
| 65) {B} não saiu da frente de {A}. | 66) {B} não saiu da frente de {A}. |
| 67) *{B} sai de frente para {A}.   | 68) {B} sai de frente para {A}.    |
| 69) *{B} está de frente para {A}.  | 70) {B} está de frente para {A}.   |
| 71) *{B} faz frente a {A}.         | 72) {B} faz frente a {A}.          |

Esta oposição é possível porque se estrutura exactamente na oposição *a frente de*  $\Leftrightarrow$  *frente a/para*. O primeiro localizador (*a frente de*) foca essencialmente o **objecto** que origina o modelo mental: por isso é traduzido morfológicamente por uma nominalização. O segundo (*frente a/para*) foca sobretudo o **próprio modelo mental** construído, globalizante. Está mais próximo de um processo (localizador) do que da realidade geradora do processo, não detendo, por tal motivo, o mesmo grau de nominalização: não possui artigo, não flexiona, nem tem o significado nominal do substantivo-origem (*a frente*). Está nitidamente num dos processos de desnominização que a história das línguas tão abundantemente exemplifica.

Uma faceta que, quanto a nós, mais espelha a desnominização de  $\emptyset$ *frente* é a ligação que mantém com verbos como *fazer*. À primeira vista, o facto de  $\emptyset$ *frente* poder ser um argumento interno do verbo *fazer*, tornaria possível considerar

morfologicamente aquele localizador como um nome. Neste caso, *fazer frente* seria morfologicamente equivalente a *fazer desenhos*, *fazer bolos* e construções do género.

No entanto, os "objectos" de *fazer* também podem ser actividades expressas por verbos: *fazer entrar*, *fazer sair*, *fazer retroceder*, etc. Ou seja, *fazer X* não implica X=nome.

Mas *øfrente* não é um verbo. Pois não. Mas representa um **modelo mental dinâmico** que, enquanto tal e por isso mesmo, se pode combinar com *fazer*. Ou seja (e era aqui que queríamos chegar): *øfrente* embora argumento interno de *fazer* é, como em todos os casos, uma unidade que não pode ser concebida semântica e mesmo morfologicamente como um substantivo. Repare-se que quando em *fazer X*, X=nome, o artigo/determinante é sempre possível: *fazer os/uns/alguns desenhos/bolos*. Quando X é outra coisa que não um substantivo, então, obviamente, não pode ter artigo. Precisamente como com os verbos *fazer entrar/sair/retroceder*, ..., em *fazer frente* também não é possível a introdução do artigo/determinante: *\*fazer a frente*, *\*fazer as/umas/algumas frentes*. Por esta razão, porque o localizador *øfrente* ligado ao verbo *fazer* representa um processo dinâmico, é que *fazer frente* é igual a *enfrentar*, possuindo este verbo agentividade em alto grau e referindo um estado de coisas que envolve [encaramento].

#### 6.4.3. Os marcadores derivados de *frente* e o princípio de desnominalização.

É certo que a tradição gramatical e lexicográfica não só não concede estatuto morfológico independente a palavras como *cima*, *diante*, *trás*, *frente* que constituem núcleos geradores de localizadores espaciais, como nem sequer os engloba numa mesma categoria. Pensamos, no entanto, ter demonstrado que *øfrente* não pode ser entendido como um substantivo semântica e morfo-sintacticamente idêntico a *a frente* e que embora esta última forma continue a funcionar como uma unidade morfológica nominal, *øfrente* representa já uma derivação daquela nominalização.

Isto permite-nos observar o que é que interfere no processo de desnominalização e independência de um localizador espacial (ou elementos afins, como as construções que indicam o posicionamento no espaço). Um olhar mais atento nota que há como que uma escala desnominalizativa entre vários deles:

Alguns localizadores espaciais	Valor independente, lexemático e uso da uni-dade central
<i>as costas</i> <i>o pé</i> <i>a frente</i>	TOTAL
<i>de costas</i> <i>de pé</i> <i>de frente</i>	
<i>a frente</i>	PEQUENO
<i>defrente</i>	
<i>*a cima</i> <i>*o/a trás</i>	NULO
<i>de cima</i> <i>detrás</i>	

Assim, a lexicografia tradicional não tem qualquer hesitação ao classificar as unidades centrais de *de costas*, *de pé*, *de joelhos*, *de gatas*, e mesmo de *de frente* como substantivos, ou seja, em considerar que são os substantivos *costas*, *pé*, *joelhos*, *gatas* e *frente* que constituem o núcleo daqueles configuradores locativos. Em *de cima* já hesita (um pouco). Porquê? Porque *cima*, combinando-se com várias preposições, parece ter autonomia e individualidade próprias. E por isso mesmo, é que a tradição ortográfica não aglutina esta forma às preposições, ao contrário do que acontece a *defrente*. Nem aglutina *de frente*, para o qual teria as mesmas razões morfo-semânticas que teve para o referido *defrente*. Só que enquanto este não se combina com mais preposição nenhuma, *frente* combina-se com quase todas. E embora seja cruamente evidente que *cima* não tem qualquer morfologia nominal em qualquer contexto do português europeu actual, à falta de melhor, lá é classificado como um nome, que já não é.

O processo de desnominização, que já se completou com *cima*, decorre no português actual, num grau avançado, com os constructos de *frente* e em grau menor com outros localizadores posicionais como *de pé*, *de costas*, *de gatas*, etc. Em todos, o núcleo não é semanticamente idêntico ao substantivo-origem, mas traduz apenas o valor de uma determinada posição:

Origem do núcleo	Alguns Localizadores Posicionais
<i>o pé</i> (nome) - Valor: membro inferior	<i>de pé</i> - Valor: posição vertical total.
<i>o joelho</i> (nome) - Valor: zona de articulação dos membros inferiores.	<i>de joelhos</i> - Valor: posição vertical com apoio nos joelhos
<i>a gata</i> (nome) - Valor: animal doméstico	<i>de gatas</i> - Valor: posição canónica de um animal doméstico prototípico
<i>a frente</i> (nome) - Valor: parte onde se situam os principais órgãos dos sentidos	<i>de frente</i> - Valor: posição relativa a a frente
<i>as costas</i> (nome) - Valor: parte oposta ao peito	<i>de costas</i> - Valor: posição relativa a as costas
<i>có-có-ró-có</i> (onomatopeia) - Valor: som imitativo das galinhas quando acabam de pôr ovos.	<i>de cócoras</i> - Valor: posição vertical com os membros inferiores totalmente dobrados

O elemento nuclear não foi escolhido por um processo sistemático e uniforme, mas por razões diversas. Elegeu-se sempre um elemento que fosse

cognitivamente relevante em algum aspecto: suporte (*pé, joelhos*), figuração global visual (*gatas*), elemento referenciador (*costas, frente*), ou associação cognitiva (*cócoras*, onde o aspecto acústico metonimiza o visual).

Como se comprova, semanticamente o núcleo significativo do elemento gerador não só não está incluído nos localizadores posicionais, como nem sequer é, geralmente, o elemento central. É antes, isso sim, um elemento associado ao processo e que foi cognitivamente destacado por ser **um dos elementos** de maior implicação cognitiva, mas não necessariamente um dos elementos de maior peso semântico na estruturação do modelo. A associação entre *de cócoras* e a onomatopeia, embora cognitivamente marcante, não é estruturalmente essencial para a respectiva constituição semântica. Tanto assim, que para a maior parte das pessoas tal relação é hoje opaca. O mesmo se pode dizer, por exemplo, em *de gatas*. Poder-se-ia ter constituído a expressão como *de cadelas, de ovelhas* ou com qualquer outro animal domesticamente prototípico.

Um elemento auxiliar que nos prova a perda do valor morfo-semântico (lexical, portanto) original, é, num destes casos, a inserção que alguns dicionários fazem (Porto Editora, 8ª edição; Augusto Moreno) do elemento *cócoras* no paradigma nominal. Se *cócoras* nunca foi um nome, se não tem palavras derivadas, se nunca é usada com artigo, se ninguém sabe o que é uma hipotética *cócora*, por que razão é tida por substantivo? Evidentemente que só pode ser por analogia paradigmática, ou seja, por ser um elemento intercambiável com outros que entram num paradigma que abarca os posicionadores espaciais. Como *cócoras* é intermutável com *pé, costas, lado, gatas, joelhos, frente*, e se parte do pressuposto que estas unidades são substantivos, atribui-se também a *cócoras* o mesmo estatuto nominal. Só que o pressuposto tem uma falha: aquelas unidades não são substantivos **por entrarem** nas locuções citadas, mas são substantivos **apesar de entrarem**. São substantivos em muitos outros usos contextuais do português, o que lhes permite serem globalmente consideradas como tal. Nas referidas locuções, como já vimos, as unidades nucleares não investem a sua substantividade semântica, sendo antes elementos marcadores de uma associação cognitiva. Por isso, é que entram elementos que talvez nunca fossem (e hoje não o são) substantivos, como acontece com *de cócoras* e *de bruços*. Alguns dicionários (como em Machado 1977, entradas "cócoras" e "bruços") sentindo que estas unidades não são substantivos, mas também não tendo um paradigma onde as colocar, optam por dizer que são elementos de uma locução adverbial, sem especificar de que tipo de elemento morfológico se trata.

Ora o processo que é terminal em *de cócoras* e em *de bruços* passa também, em grau diverso, por todas as outras locuções do mesmo paradigma. Se numa ortografia já denota a progressiva desnominização do núcleo (como em *defrente*), nas outras a aparência ortográfica e a classificação lexicográfica parecem ainda não ter

dado pelo processo. E assim, marcadores como *frente* são sempre tidos como substantivos, mesmo quando as relações morfológicas, a combinatória sintagmática e o próprio significado divergem da unidade nominal.

Se temos defendido que o processo de desnominização não é abrupto, mas progressivo, que sinais indicam que ele se acentua?

Poder-se-ão apontar quatro elementos essenciais (não obrigatoriamente por ordem cronológica):

- perda do artigo.
- cristalização em expressões fixas.
- ausência da unidade nuclear fora das expressões fixas.
- perda do valor semântico original.

A perda do artigo, sendo sempre um sinal de afrouxamento do aspecto nominal, é-o sobretudo quando tal perda funciona como marca opositiva. É o que acontece na oposição *da frente/ de frente*: na primeira forma realça-se nitidamente a substantividade muito mais coisificada no objecto *a frente*, enquanto na segunda parte-se não de um objecto (ou de uma noção mental representando um objecto, como se queira), mas de um modelo mental, que globalmente traduz uma situacionalidade espacial ( $\emptyset$ *frente*).

A perda do valor semântico original processa-se não apenas numa fase, mas acompanha progressivamente todas as fases e o evoluir semântico da forma/locução. Está profundamente ligado, este aspecto, à cristalização em expressões fixas: quanto maior for o grau de cristalização e de fixidez, maior vai sendo a distância semântica entre o valor da unidade inserida na expressão fixa e a forma original.

Mas o aspecto mais determinante e que se pôde comprovar na análise feita aos marcadores/posicionadores espaciais analisados é a presença/ausência da unidade nuclear fora das expressões fixas. Como se conclui contrapondo o grupo *defrente, de cócoras, de bruços* ao grupo *de pé, de joelhos, de costas, de frente*, se a unidade tiver uma existência para lá do marcador espacial traduzido pela expressão fixa, a unidade é vista como sendo **a mesma**, embora semântica e morfológicamente, como se provou, tal não aconteça. Se a unidade central, no entanto, tiver uma frequência de utilização tendencialmente nula, perde a autonomia nominal. Os casos de *cócoras* e *bruços*, ao serem inseridos no paradigma nominal denotam apenas que o seu valor original se perdeu, sendo hoje indiferente, para a língua, tal valor original, o que indica que o valor actual é apenas o que resulta da respectiva inserção no marcador de que fazem parte. Ou seja: eles provam que o valor original da unidade nuclear não é determinante e pode mesmo não ser importante para o funcionamento do marcador que se vai progressivamente autonomizando. Ora é precisamente tal autonomia progressiva que reclamamos para *de frente* e para todos os constructos com  $\emptyset$ *frente*. Ou seja,

defendemos que os mesmos não podem ser vistos como construídos a partir de algo que não se diferencia do nome ou substantivo *a frente*.

Assim, e como conclusão, parece-nos ser lícito formular o seguinte princípio, que embora aplicável, aqui, aos marcadores espaciais construídos com *trás* e *frente* se pode estender a outras expressões fixas:

PRINCÍPIO DE DESNOMINALIZAÇÃO DAS UNIDADES DAS EXPRESSÕES FIXAS: A desnominalização de uma unidade lexical componente de uma expressão fixa numa língua L é uma resultante de vários factores, entre os quais o afastamento do significado original, a perda do artigo e da proporcionalidade inversa do respectivo uso em L fora da expressão fixa.